

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO NORTE CATARINENSE

ENSINAR: COMPROMISSO POLÍTICO DE ALFABETIZADORES

POR
MARCIA BECHEL DE SOUZA

Monografia apresentada à Coordenação do
Curso de Especialização em Metodologia
de Ensino para obtenção de grau de
Especialista.

CANOINHAS
1992

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO NORTE CATARINENSE
FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE

ENSINAR : COMPROMISSO POLITICO DE ALFABETIZADORES

POR

MÁRCIA BECHEL DE SOUZA

ORIENTADOR : ARACI ASINELLI DA LUZ

CO-ORIENTADOR : CASEMIRO JOSÉ MOTTA
SEBASTIANA RUBIM BARRIO

CANCINHAS

1992

AGRADECIMENTOS

Meu agradecimento a todos os professores e colegas que durante toda a elaboração deste trabalho, imbuídos numa forte interação ajudaram a concretizá-lo.

Aos amigos, que pacientemente me ouviram e contribuíram com suas valiosas experiências, iluminando pontos que para mim eram obscuros.

À minha querida mãe que além da confiança e incentivo permanente, assumiu carinhosamente os cuidados para com minha filha, sem o que, não poderia ter realizado este trabalho.

Em especial à minha filha que, com seu carinho, sorriso e meiguice deu-me força para prosseguir.

Ao meu marido por ter lançado um desafio, encorajando-me a não abrir mão deste objetivo.

Minha dedicatória a todas as crianças que, como eu esperam por uma escola que:

- . Cultive a natural curiosidade e alegria de aprender.
- . Desenvolva o pensar, o raciocinar e o encontrar soluções.
- . Valorize nossa cultura e tudo o que faz parte da história da nossa gente.
- . Estimule a auto-expressão, o criar e recriar.
- . Preze o processo de crescimento e aprendizagem de forma atuante, viva e questionadora conquistando assim, um novo espaço neste novo tempo.

SUMÁRIO

	p.
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	1
1.0 - PROBLEMA	1
1.1 - ENUNCIADO	1
1.2 - OBJETIVOS	2
1.2.1 - OBJETIVOS GERAIS	2
1.2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS	2
1.3 - JUSTIFICATIVA	2
1.4 - HIPÓTESES DE TRABALHO	6
1.5 - PREMISSAS	6
1.6 - DIFICULDADES E ALTERAÇÕES	7
CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	8
1.0 - UNIVERSO TEÓRICO	8
1.1 - RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO	8
1.1.1 - A BUSCA DE MÉTODOS INFALÍVEIS	11
1.2 - CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM	14
1.2.1 - MÉTODOS E PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO ...	16
1.3 - RESISTÊNCIA DO PROFESSOR FRENTE A NOVAS PROPOSTAS DE ENSINO	20
1.4 - NOVAS PERSPECTIVAS DE ALFABETIZAÇÃO	21
CAPÍTULO III - METODOLOGIA	24
1.0 - DELINEAMENTO DA PESQUISA	24
1.1 - POPULAÇÃO E AMOSTRA	24
1.2 - MÉTODOS E TÉCNICAS	25
1.3 - DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO	25
1.4 - DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS	25

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS	27
1.0 - TRATAMENTO DOS DADOS	27
2.0 - EVIDENCIAÇÃO DOS RESULTADOS	27
2.1 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO	48
CAPÍTULO V - CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	54
1.0 - CONCLUSÕES	54
2.0 - RECOMENDAÇÕES	56
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57
ANEXOS	59

LISTA DE TABELAS

	p.
TABELA I - LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA E TEMPO DE ATUAÇÃO DO ALFABETIZADOR	28
TABELA II - CARACTERIZAÇÃO QUANTO A FORMAÇÃO DO PROFESSOR - ALFABETIZADOR	29
TABELA III - CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES QUANTO AO USO DO LIVRO DIDÁTICO	29
TABELA IV - A QUEM CABE O PODER NA ESCOLA?	32
TABELA V - MÉTODOS DE AVALIAÇÃO MAIS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES	32
TABELA VI - COMO ACONTECE A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA? MÉTODOS DE ENSINO NO COTIDIANO ESCOLAR:	35
TABELA VII - ASPECTOS QUE INTERFEREM NO COTIDIANO ESCOLAR ..	35

LISTA DE GRÁFICOS

	p.
01 - GRÁFICO DA TABELA I - LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA E TEMPO DE ATUAÇÃO	28
02 - GRÁFICO DA TABELA II - FORMAÇÃO DO PROFESSOR - ALFABETIZADOR	30
03 - GRÁFICO - TABELA III - CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES QUANTO AO USO DO LIVRO DIDÁTICO	31
04 - GRÁFICO - TABELA IV - A QUEM CABE O PODER NA ESCOLA ...	33
05 - GRÁFICO - TABELA V - MÉTODOS DE AVALIAÇÃO MAIS UTILIZADOS	34
06 - GRÁFICO - TABELA VI - MÉTODOS DE ENSINO NO COTIDIANO ESCOLAR	36
07 - GRÁFICO - TABELA VII - ASPECTOS QUE INTERFEREM NO COTIDIANO ESCOLAR	37
08 - DIFICULDADE EM RELAÇÃO ÀS PESSOAS NA ESCOLA	38
09 - ASPECTOS QUE DIFICULTAM O COTIDIANO ESCOLAR	39
10 - ASPECTOS QUE DIFICULTAM O PROCEDIMENTO DAS AULAS	40
11 - EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DO ALFABETIZADOR	41
12 - APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA ALFABETIZAÇÃO	42
13 - CARACTERÍSTICA DO ALUNO ALFABETIZADO SEGUNDO OS PROFESSORES	43
14 - OPINIÃO DOS PROFESSORES SOBRE O CONCEITO ALFABETIZAR	44
15 - ALFABETIZAÇÃO NO CONTEXTO DO ALFABETIZADOR	45
16 - VISÃO DO PROFESSOR QUANTO A CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO .	46
17 - PERSONAGENS TIDOS COMO TEÓRICOS DA ALFABETIZAÇÃO	47

LISTA DE ANEXOS

- 01 - TABELA DE NÚMEROS ALEATÓRIOS - TNA
- 02 - LISTA DE JUSTIFICATIVA: CURSOS DE APERFEIÇOAMENTO
- 03 - CÓPIA DE OFÍCIO ENCAMINHADO À DIRETORA DA SERE
- 04 - OPINIÁRIO SOBRE OS TEÓRICOS DA ALFABETIZAÇÃO
- 05 - INSTRUMENTO UTILIZADO PARA COLETA DE DADOS
- 06 - INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS

RESUMO

A presente pesquisa teve por objetivo delinear a prática pedagógica do alfabetizador, com perspectivas de esclarecer os fatores que interferem na concretização de propostas de ensino que forneçam à criança suporte às situações do cotidiano e seu 'processo de interação'. (VIGOTSKY)

Assim sendo, o interesse específico desse trabalho teve como foco, **Ensinar: Compromisso Político de Alfabetizadores.**

Para alcançar esta grande meta, abordou-se em quatro tópicos, o que de mais relevante havia na história da alfabetização:

- 1 - Retrospectiva histórica da alfabetização
- 2 - Condições de aprendizagem
- 3 - Resistência do professor frente a novas propostas de ensino
- 4 - Novas perspectivas de alfabetização.

Trata-se de uma pesquisa descritiva, desenvolvida através da aplicação de um questionário entregue a 16 (dezesesseis) professores pertencentes a rede estadual de ensino.

Ao concluir-se essa pesquisa vê-se a necessidade dos professores refletirem até que ponto a sua prática pedagógica cria transformações psico-sociais.

CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO

1.0 - PROBLEMA

1.1 - ENUNCIADO

O perfil da alfabetização esboçado pelo ensino que tradicionalmente fazemos, revela que dos 4.627 (quatro mil, seis centos e vinte e sete) alunos matriculados na primeira série do Ensino de 1º grau que compõem a micro-região, 487 (quatrocentos e oitenta e sete) se evadem sem justa causa e, 948 (novecentos e quarenta e oito) não conseguem se alfabetizar, sendo reprovados (dados retirados da estatística de 1990 - 18ª UCRE - Canoinhas - SC). Esses dados vêm confirmar a ineficiência ou a não - funcionalidade dos clássicos métodos de ensino adotados nas escolas, assemelhando-se a um mosaico incompleto, inviabilizando dessa forma a concretização da aprendizagem. Assim, a educação devido à prática passiva e alienada do professor está sendo encarada de forma equívoca. O discurso estranho e artificial dessa ideologia não corresponde ao universo conceitual do aluno, causando sérios problemas que ultrapassam os muros escolares.

Diante da prática do professor que persiste no mecanicismo, questiona-se:

A instabilidade da política educacional destaca-se como fator de resistência a propostas mais abrangentes em alfabetização, nas escolas estaduais?

1.2 - OBJETIVOS

1.2.1 - OBJETIVOS GERAIS

Elucidar a política educacional dos professores alfabetizadores e os fatores de resistência à práticas de ensino que primem pelo rigor político, científico e histórico, possibilitando um entendimento global da realidade.

1.2.2 - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Enfocar os aspectos filosóficos, metodológicos e democráticos desenvolvidos no interior da escola, bem como a competência técnica e o compromisso político educacional.
- Abordar a prática educacional do professor no processo de alfabetização.
- Dissertar aspectos relevantes da alfabetização com perspectivas de transformações frente à realidade sócio política.

1.3 - JUSTIFICATIVA

Lançamos nossa preocupação com a política educacional ora vigente nas escolas públicas estaduais, principalmente nas séries iniciais, por advirem de condicionantes estruturais da sociedade e do sistema de ensino que este engendra.

Considerando que a criança já nasce num mundo social e desde o nascimento através da interação com os adultos apropria-se de um repertório de experiências a qual através de um relacionamento concreto e aberto traduz a realidade, identifica-se com as experiências contactadas, descobrindo conceitos e significados a cada ação. Entende-se que a alfabetização é um ato fundamentalmente político; isto significa que "alfabetizar é antes de mais nada aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade". (FREIRE, 1989)

Desta forma, torna-se inquestionável que as transformações que ocorrem na sociedade não estejam separadas da vida escolar.

A sociedade todavia não se desliga da própria educação, "o que implica compreender a história da educação, como história da educação e da pedagogia". (GUIRALDELLI, 1990)

A historiografia educacional nos mostra que "o ensino tem sido o esquecimento da instrução prática, sobre o qual prevalece um teorismo seco e infecundo". (Id. ibid, 1990)

Adicionando a isso, temos a competência educacional aliada a consciência política do professor, tudo o que vem sendo ministrado de forma empírica e improvisada, decorre das incoerências incidentais da formação profissional.

Na alfabetização tradicional que vimos fazendo, o professor é quem ensina tudo. Consideramos a criança tal qual uma tábula rasa, que chega a escola para aprender do jeito que o professor ensina.

Apoiado na cartilha, esse professor é quem determina a priori, a escolha das palavras, a decomposição da palavra em sílabas e a combinação fonética, de modo que cabe ao aluno memorizar o exercício realizado pelo professor. As cartilhas, na maioria das vezes introduzem palavras e sons que não remetem a

criança a lugar nenhum, apresentam-se de forma descontextualizada, fora da realidade a que pertencem.

Nas pesquisas desenvolvidas por Emília Ferreiro, descobriu-se que "ao contrário do que se pensava, não é o professor quem ensina a ler e escrever, mas é a criança que constrói seu próprio processo de leitura e escrita". E prossegue afirmando que "é necessário romper com os métodos tradicionais de ensino que não respeitam o saber das crianças e sua forma natural de aprender." (FERREIRO, 1989)

Nessa óptica, faz-se mister que o professor mude sua postura antiga, comece a reciclar-se para ampliar seus conhecimentos técnicos em respeito às crianças, em oposição aos sistemas educacionais repressivos, tendo a coragem para enfrentar o conservadorismo das metodologias tradicionais, permitindo à criança o direito de se apropriar da língua escrita em toda sua complexidade. Dar-lhe "o direito de saber ler e escrever criticamente a palavra escrita pelos outros e o direito de escrevendo seus próprios textos, colocar suas próprias palavras", prosseguiu enfatizando: "Se a alfabetização não é concebida desta maneira, não vale a pena lutar pela alfabetização". (id. ibid.)

Assim sendo, cabe ao professor propiciar condições para uma experiência organizada e dirigida, que facilite às crianças a observação dos aspectos relevantes a essas observações, bem como, "compreender o desenvolvimento das idéias da criança sobre a escrita como um processo evolutivo". (Id. ibid.)

Acredita-se que a elevação da qualidade do ensino e da formação cultural dos alunos tem como condição paralela a efetivação de lutas na direção da democracia política e social.

Acredita-se ser necessário levar os professores a pensar sobre a dinâmica escolar, principalmente quando se trata de um conjunto básico de conhecimentos e habilidades indispensáveis ao cidadão.

Necessário "(...) que não se esconda com o verbalismo o vazio do pensamento, com o formalismo, a mentira da incompetência (...)". (FREIRE, 1983)

E sim, que a educação seja uma continuação das experiências conquistadas pela criança.

Desta forma, há preocupação em provocar uma mudança, fazendo surgir uma realidade "capaz de produzir um novo homem, uma nova sociedade, uma nova realidade histórica, uma nova visão de mundo que, incorporada ao educando, o impulsiona a ser um cidadão". (RODRIGUES, 1985)

Essa mudança implica basicamente numa visão diferente da prática educativa, estabelecendo-se nesse processo um clima e ambiente significativos, onde "o educando assuma a posição de quem está aprendendo concretamente o objeto para poder aprender o objeto" (FREIRE, 1989)

Assim, ao invés de valer-se de recursos artificiais, o professor propõe na alfabetização que os educandos busquem relações, associações entre os conteúdos, a fim de alcançar a aprendizagem.

É preciso partir de condições próprias do conhecimento da criança, pois ela não percebe fatos isolados e nem percebe a coisa em seus detalhes, mas na sua totalidade, por isso, não concebe uma educação fragmentada.

"A criança, com sua visão sincrética do mundo, não tem condições de perceber partes separadamente para posteriormente reconstruir esta realidade". (FEIL, 1986)

Para tanto faz-se necessário partir do estudo da realidade, tal qual ela se apresenta aos olhos da criança, percorrendo o caminho que a humanidade vem trilhando até chegar à obtenção das leis e a conclusões científicas.

Para atingir-se esses objetivos torna-se indispensável a postura política, pois o ato educativo exige compromisso e decisão, isto porque toda proposta de modificação encontra a resistência dos interesses estabelecidos, dos acomodados ou daqueles que tem medo de toda e qualquer transformação.

Dado esse passo, está aberto o caminho para concretizarmos o sonho de trilhar uma educação real e significativa, assumindo uma identidade política dinâmica e democrática na alfabetização.

1.4 - HIPÓTESES DE TRABALHO

- A resistência do professor em assumir proposta de alfabetização contextualizada está ligada à sua passividade e alienação às questões políticas.
- A ausência de competência técnica do professor aliada à ausência de consciência política decorrentes de uma má formação profissional, aumentam a resistência do professor em relação a abrangência da alfabetização.

1.5 - PREMISSAS

- A falta de autonomia, a neutralidade do professor frente a uma filosofia pedagógica coerente, o leva à negação da sua responsabilidade profissional na alfabetização, ocultando seu caráter político.

Como consequência, perde algumas qualidades necessárias, indispensáveis à ação educativa.

"Os educadores escolares (pedagogos) pela sua restrita bagagem teórica no âmbito das ciências sociais, tem assumido posições ora de repetição mecânica de uma fraseologia emprestada a essas ciências, ora de auto-negação do seu papel no processo de transformação social, omitindo-se na explicitação de conteúdos e tarefas próprias de sua atuação profissional". (LIBÂNEO, 1989)

- A formação de nossos professores também é um outro fator de resistência à aderir práticas de ensino contextualizada.

"Os centros de formação - escolas normais e faculdades de educação - poderiam ter um papel relevante; entretanto, continuam dominados por currículos fracos e acríticos, voltados apenas para a instrumentalização dos profissionais com metodologias de ensino-aprendizagem, sem permitir uma sólida formação teórica e crítica. A questão não é apenas saber fazer, mas saber o que fazer, a serviço de que interesses ou para quem, o que supõe currículos mais densos em reflexão teórica sobre a realidade". (ARROYO, 1980)

Como conseqüência, o professor não está conseguindo se afirmar diante dessa complexa tarefa.

1.6 - DIFICULDADES E ALTERAÇÕES

Devido ao contra-senso existente entre teoria e prática foi considerado inviável a aplicação do questionário (Anexo VI) composto por alternativas fechadas.

O controle de algumas variáveis foi eliminado do trabalho, tendo em vista a não-interveniência conclusiva no objetivo da pesquisa.

CAPÍTULO II - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.0 - UNIVERSO TEÓRICO

1.1 - RETROSPECTIVA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO

Diante da realidade encontrada entre o ideário e o fazer pedagógico, abordar-se-á em tópicos os pressupostos que caracterizam esse tema.

O aprofundamento do entendimento das questões abordadas estarão amparadas pelas constatações e propostas supracitadas por Guiraldelli, Vigotsky, Freire, Ferreiro e outros, delineando de forma significativa esse instrumento que preconiza uma educação transformadora, autêntica e democrática.

Tendo em vista o interesse em entender-se a função da escola, seu funcionamento e organização, far-se-á uma retrospectiva histórica sobre a educação.

Basicamente o cenário da educação brasileira é formado pela Pedagogia Liberal e a Pedagogia Progressista; desta forma, é importante que seja feita uma retomada de como se originaram e o caráter ideológico que cada uma trazia:

a) Pedagogia Liberal:

"O termo liberal não tem sentido de 'avançado', 'democrático', 'aberto'; como costuma ser usado. A doutrina liberal apareceu como justificção do sistema capitalista que, ao defender a predominância da liberdade e interesses individuais da sociedade, estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classes. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade; que estabeleceu uma forma de organização social baseada na propriedade privada dos meios de produção, também denominada sociedade de classes. A pedagogia liberal, portanto, é uma manifestação própria desse tipo de sociedade".

(LUCKESI, 1991)

Segundo Luckesi e de acordo com a interpretação da pesquisadora essa pedagogia iniciou-se com a Pedagogia Tradicional, que ao contrário de promover a independência do aluno, intensifica a condição de dependentes e oprimidos. Durante toda a escolaridade os alunos são incentivados a desenvolver uma postura de receptáculo do conhecimento oficial, em vez de agente transformador da sua própria condição. Seu método de ensino baseia-se na exposição oral, nas regras impostas e pela ênfase na repetição de exercícios ou conceitos que visam disciplinar a mente do aluno. Assim sendo, professor e aluno acabam envolvidos numa rotina de enunciar, decorar e aplicar regras, símbolos. A maneira como os conteúdos são trabalhados não oferece condições para que o aluno possa situar-se no tempo e espaço. Desconsidera as realidades sociais do aluno, como os fenômenos, os objetos, seres vivos, impedindo-os de planejar e experimentar situações que os auxiliem na resolução de problemas do dia-a-dia, relegando-os a assumir o papel de passividade.

Apresentava também em seu interior, uma tendência liberal renovadora propondo um ensino que valoriza a cultura como parte da própria experiência humana, necessária ao desenvolvi-

mento das aptidões pessoais. Caracteriza-se em duas versões: a renovada progressista ou pragmatista e a renovada não diretiva.

A primeira procura adequar as necessidades do indivíduo ao meio social, permitindo dessa forma que ele construa e reconstrua num processo ativo as estruturas cognitivas. Essa tendência vem sendo difundida através dos métodos de Decroly, Dewey e pela psicologia genética de Piaget. A segunda pedagogia, a renovada não-diretiva é inspirada pelo psicólogo Norte Americano Carl Rogers, sugere uma educação centrada no aluno. Os objetivos de ensino favorecem o auto-desenvolvimento bem como, as relações pessoais, através da vivência de experiências significativas.

A Pedagogia Tecnicista, também integrante da pedagogia liberal consiste na preparação de recursos humanos ou mão-de-obra qualificada para o funcionamento tecnológico da sociedade. Tem como elemento principal as técnicas, cuja análise experimental, a instrução programada e os objetivos operacionais são elaborados para adaptar-se a diferentes modalidades do ensino, visando o desenvolvimento da consciência política, indispensável a manutenção do sistema capitalista.

b) Pedagogia Progressista

"O termo progressista, emprestado de Snyders, é usado aqui para designar as tendências que partindo de uma análise crítica das realidades sociais, sustentam implicitamente as finalidades sócio-políticas da educação". (Id. ibid, 1991)

Após a leitura de Luckesi, a pesquisadora analisa da seguinte forma, que essa pedagogia tem se manifestado em três tendências:

- A libertadora, cujo mentor é Paulo Freire, emerge do saber popular, da situação real vivida pelo educando, facilitando a conquista de um nível de consciência crítica da realidade. Apesar dessa pedagogia restringir-se a educação de adultos ou a educação popular, muitos professores vem tentando colocá-la

em prática nas escolas de primeiro grau, porque exerce uma influência essencialmente política, que visa a transformação da sociedade.

- A libertária, surgiu em oposição ao sistema repressor, introduzindo modificações no sistema escolar, recusando-se a exercer qualquer forma de poder. Dá ênfase a aprendizagem informal. Assim, os conteúdos resultam das necessidades e interesses manifestos pelo grupo.
- A tendência crítico-social dos conteúdos propõe uma análise crítica da educação objetivando a superação das práticas tradicionais. Valoriza a ação pedagógica como instrumento de apropriação do saber, vinculando as realidades sociais. Tendo como suporte, um currículo que favoreça o desenvolvimento e a ampliação do conhecimento através de atividades significativas e concretas. Dentro dessa visão, o professor exerce a função mediadora entre o aluno e os conteúdos, estabelecendo a articulação das experiências da realidade social do aluno a um saber criticamente reelaborado.

1.1.1 - A BUSCA DE MÉTODOS INFALÍVEIS

Cada época é demarcada por mudanças na educação que evoluem em função das necessidades de cada período histórico.

Por isso procuramos nas raízes da história os conflitos e as modificações que marcaram a trajetória da alfabetização.

O marco inicial da alfabetização ocorreu oficialmente em 1880, com a concretização da escola Jules Ferry. Até então, a leitura e a escrita na maior parte das vezes competia aos pais ou ao preceptor (precursor do pedagogo). A leitura, a escrita e a contagem eram concebidas como aprendizagens individuais, a essa alfabetização tinham acesso somente os filhos cujos pais pudessem custear um preceptor.

"Com a Revolução Francesa a escola se torna universal e gratuita e está sob o controle do poder público".

(BARBOSA, 1990)

Como reflexo predominava uma pedagogia de imposição caracterizada pela ênfase nas questões do ensino, na maneira de transmitir os conteúdos, tendo como consequência, problemas em relação a assimilação da aprendizagem.

Com a consolidação da escola pública na França esse sistema foi sendo difundido pelos outros países.

A escola buscava um método de ensino que correspondesse às necessidades sociais da época. Entre os séculos XVI E XIX contamos com a contribuição de vários autores como Dêmia, De La Salle, Basedow, Vogel, Nicolas Adam, Neufchâteau, Gautier dentre outros, que vieram enriquecer o patrimônio de conhecimentos da pedagogia com propostas metodológicas, quer sintética ou analítica, que através de passos rígidos, permitiam ao professor segui-los como receita pronta e acabada.

A alfabetização, fundamentada nesses métodos torna-se artificial e mecânica, sua forma fragmentada dificulta a compreensão do todo significativo.

Somente em 1911 com estudos das obras de Rousseau "a criança passou a ser o foco de interesse especulativo e objeto de investigação sistemática" bem como "estabeleceu como metas o estudo científico da criança e a formação do educador."

(BARBOSA, 1990)

Naquela época já se constatava a necessidade dos fundamentos da psicologia, sociologia e lingüística.

Vislumbrado pela escola nova, Decroly (século XIX - XX) lança uma nova corrente de pensamento.

"Decroly partiu de crianças anormais para elaborar o ensino de crianças normais, (...) passando da teoria a efetiva realização, a possibilidade de uma educação espontânea e constante (...). Concentrou sua atenção muito mais nos meios, na técnica, na realidade viva que o menino representa".
(FEIL, 1986)

Esta proposta gerou muitos conflitos, implicava sair da rotina, tomar um posicionamento, pois como atualmente, as pessoas também resistiam à inovações.

Decroly, Montessori, Piaget, Freinet e outros educadores contribuíram para o aprofundamento e enriquecimento desta nova corrente.

E a história da alfabetização prosseguiu com novos autores contemporâneos que buscavam métodos e técnicas infalíveis ao processo da leitura e escrita.

A revolução desencadeada no início do século XX teve uma nova investida, e a partir da década de 50 surge uma nova área, a Psicolingüística que estabelece novos parâmetros a questão da pedagogia no processo de aprendizagem do sistema alfabético.

Partindo das investigações realizadas por Emília Ferreiro e Ana Teberoski, sobre a psicogênese da língua escrita, as reflexões teóricas avançaram em direção as salas de aula.

Essa nova idéia apresenta como característica a leitura como apropriação pessoal decorrente da vivência de situações diversificadas, ocasionadas pelo meio ambiente, ou seja, lugar onde iniciou a construção da leitura, bem antes de chegar a escola.

Diante dessa breve retrospectiva histórica da alfabetização, deseja-se enfatizar que, "se a escola existe em função do aluno, talvez esse seja o momento de repensar o ensinar e o aprender, a fim de trilhar-se caminhos não mais obscuros, escravizados por teorias, mas com base nas novas descobertas, construir-se um saber mais promissor". (NIDELCOFF, 1987)

1.2 - CONDIÇÕES DE APRENDIZAGEM

Pretende-se salientar que as

"reformas educacionais que se produziram ao longo do tempo de nossa história e mais precisamente, no final da década de 60 e início de 70, acabaram por compartimentalizar o ensino público brasileiro, objetivando a modernização da educação, levando a expropriação do saber em termos de qualidade, nos diversos graus de ensino, bem como a desvalorização e o descrédito da categoria dos profissionais da educação" (BRINHOSA, 1990)

Tradicionalmente a educação tinha por base a apresentação da língua como objeto exterior ao aluno. Os métodos de ensino caracterizavam-se na análise do sistema gráfico. A língua escrita era vista como codificação da língua oral e para ler, deveria aprender a decodificar cada elemento.

Nessa concepção de aprendizagem a preocupação do professor incide em um período preparatório que envolve exercícios de psicomotricidade e atividades artísticas, bem como a criança é submetida a testes de prontidão considerados indispensável ao início do processo ensino-aprendizagem.

A realização das atividades puramente mecânicas relaciona-se com o que a criança deve aprender, tal qual o método determina, letra por letra ou sílaba por sílaba, assim o pro-

cesso de ensino se processa ordenadamente, adicionando progressivamente 'pedaços' de informações, esperando que por algum mecanismo a criança faça associações que se tornem significativas.

As crianças que não conseguindo obter resultados satisfatórios, certamente serão rotulados de alunos problemas, indisciplinados, carentes ... Esses supostos condicionantes contribuem para que a escola primária prossiga expulsando ou reprovando uma parcela considerável de crianças o qual ela não consegue alfabetizar.

A realidade modifica-se constantemente e as aulas parecem ter parado no tempo. Rotineiras e monótonas, totalmente desintegradas do meio social em que a criança vive. Seu ensino desarticulado reduz a aprendizagem a pura decifração.

Ignorando a relação educação e sociedade o professor desconsidera suas próprias expressões permanecendo obediente e passivo frente a classe dominadora.

Acostumado a seguir programas preestabelecidos por uma hierarquia que centraliza o poder, vê controlada de certa forma sua autonomia e criatividade, tornando-se vulnerável, passando a mero degustador teórico.

Segundo a pesquisadora essas contradições, os conflitos e as distorções resultante do apego ao conservadorismo demonstram o desconhecimento do professor quanto ao verdadeiro objetivo da alfabetização, ou seja, a alfabetização não consiste apenas no ato de decifrar símbolos escritos e reproduzi-los, mas consiste, num processo gradativo de construção da língua escrita e conseqüentemente a ampliação e aquisição de novos conceitos.

Pois,

"não cabe à escola manter o aluno em seu próprio berço e sim abrir-lhe no-

vas perspectivas, descortinar o desconhecido e desafiá-lo a sair em busca de sua cultura, em busca de novas visões de mundo, mais ampla e abrangente, das quais sua vida e cultura local serão parte". (MELLO, 1990)

Esse enfoque constitui-se num instrumento de manutenção ou transformação da sociedade. Buscar condições de trabalho, procurar a identidade de cada disciplina, constitui-se no vir a ser, onde passado e presente interligados possam nortear o futuro, num processo de construção histórico-social de cada indivíduo.

1.2.1 - MÉTODOS E PROCESSOS DE ALFABETIZAÇÃO

Ao processo de alfabetização tem-se empreendido grandes esforços, busca constante de novas estratégias a ação pedagógica; receituários que não tem conseguido suprir os entraves educacionais.

Desta forma, não pretende-se enfatizar este ou aquele método ou introduzir esta ou aquela técnica, mas rever alguns métodos e procedimentos, para uma breve reflexão e aprofundamento sobre a alfabetização.

Pois, se o problema persiste, está claro que as causas do fracasso escolar não foram ainda detectadas pelos professores, para que se busquem alternativas ou novas formas de abordagens faz-se necessário estabelecer a coerência entre métodos de ensino e processos de aprendizagens.

Partir-se-á dos métodos tradicionais usualmente aplicados, até propostas atuais que podem enriquecer o trabalho de alfabetização, conforme interpretação após leitura do artigo da Revista do Professor, 1990:

a) MÉTODOS SINTÉTICOS

A alfabetização, fundamentada nos métodos sintéticos torna-se artificial e mecânica.

Por ser um método que parte do simples para o complexo, de unidades pequenas como a letra, sons ou sílabas e encaminha-se em direção a unidades maiores e mais significativas como palavras, frases e textos, a aprendizagem fica reduzida a decifração.

É um processo lento, a criança trabalha com o conhecimento sobre fragmentos o que torna impossível entender o processo da linguagem que é enorme.

Dentro do método sintético temos:

- O processo alfabético que consiste em ensinar as letras e juntar as vogais, as consoantes.
Exemplo: b + a = ba
- No processo iconográfico a letra é colocada ao lado da gravura, imitando o som da mesma.
Exemplo: o rato faz r... r... r...
- O processo de letras móveis inicia com a escrita e aos poucos chega à leitura, exige ambiente escolar e material adequado. Prega a liberdade de ação, a criatividade e o respeito ao ritmo próprio das crianças.
- O processo fônico apresenta a letra não com o seu nome, mas com o som que faz.
Exemplo: s... s... s... e não esse.
- No processo fonomímico, o som de cada letra é acompanhado por um gesto ou ruídos que reproduzem os fonemas.
- O processo de silabação baseia-se no fato de que as sílabas constituem unidades sonoras facilmente identificados pela audição. O primeiro passo refere-se ao reconhecimento das vogais, logo depois das palavras vem letras que vão formar as sílabas que podem ser retiradas de palavras.

b) MÉTODO ANALÍTICO

O método analítico parte do todo de uma estrutura global e encaminha-se para a particular. Nele se incluem os seguintes processos:

- O processo de palavrção que parte de palavras significativas, retiradas de uma história, conversa ou leitura feita pelo professor. Obedece aos seguintes passos: apresentação da palavra, identificação da palavra entre outras, decomposição da palavra em sílabas, formação de palavras com as sílabas conhecidas.
- O processo de sentencição apresenta as mesmas etapas do conto, iniciando com a sentença.
- O processo de contos observa as seguintes etapas:
 - O professor conta a história com o máximo de quatro frases curtas, as crianças recortam, desenham e dramatizam.
 - O professor lê o texto e as crianças repetem.
 - Faz-se o reconhecimento das frases dentro e fora da ordem.
 - Faz-se a decomposição do texto em frases, depois em palavras, em sílabas, letras ou sons.

c) MÉTODO ECLÉTICO

O método eclético consiste em reunir vários pontos de vista de sistema diversos, chegando a reuni-las em uma única unidade superior, nova e criadora, própria daquele que a formou.

O método eclético subdivide-se em dois outros métodos, o método natural e o misto:

O método natural possui as seguintes características:

- É fônico (todos os sons são apresentados em breve período).
- É global, parte de um todo significativo.
- O alfabeto é ilustrado.

O método misto foi desenvolvido através das cartilhas Minha Abelhinha e Casinha Feliz. Esse método possui as seguintes características:

- Os recursos fonéticos são apresentados através de uma história onde os sons são os personagens.
- O período preparatório é reduzido.
- É indispensável o uso de cartazes com o desenho dos personagens (as letras).
- Após apresentar as vogais e algumas consoantes, através dos sons, são reunidas, para formar sílabas, depois palavras e frases.

Existem processos de alfabetização pouco conhecidos como o das cores, propaganda e outros.

Atualmente surgiu uma nova proposta de alfabetização cuja função específica é desenvolver a manifestação do pensamento humano em interação com o meio, favorecendo a ampliação dos conteúdos, numa dimensão histórico, social e cultural mediado pela linguagem e pelas hipóteses que a criança apresenta sobre suas próprias experiências.

Estando o código gráfico onipresente em nosso dia-a-dia a criança constrói de forma natural a aprendizagem da leitura e escrita através de um processo criativo.

Segundo Emília Ferreiro (1989), a criança passa por níveis de desenvolvimento que correspondem as primeiras garatujas que a criança faz, dizendo que está escrevendo até o momento em que já consegue fazer a correspondência entre fonemas e grafia. Através desse material produzido espontaneamente pela criança é que Emília acompanha o processo de aquisição da leitura e escrita.

Nesse processo, a alfabetização escolar funciona como meio para traduzir e ampliar as experiências do aluno favorecendo-lhe condições para a socialização do conhecimento e o do-

mínio da cultura letrada. Proporcionando um currículo que articule a realidade sócio-cultural da criança, em consonância com as diversas variedades lingüísticas e culturais da sociedade.

Dessa forma, a função do professor é vital, pois através da interação entre as pessoas é que se desenvolve o sistema oral e escrito, enquanto mediador, deverá estabelecer atividades que permitam o contato direto com o mundo da leitura e escrita, como também prover situações que possibilite a troca de experiências, idéias, conhecimentos, colocando o aluno frente a aquisição de novos conhecimentos que serão construídos gradativamente.

1.3 - RESISTÊNCIA DO PROFESSOR FRENTE A NOVAS PROPOSTAS DE ENSINO

Em face desse desafio da era atual, onde estamos vivendo uma nova fase da história, coexistindo e se inter-relacionando com diversas ideologias e filosofias, compete a nós professores o dever de proporcionarmos condições para que a criança possa situar-se nessa sociedade, compreendendo a si mesmo e o mundo.

Nesse sentido nossa preocupação com a compreensão e o desenvolvimento do processo da alfabetização. Pois, para mudar concepções e posturas antigas é preciso muito estudo, embasamento filosófico que o impulse a transformar a dinâmica escolar, bem como ao entendimento do processo de construção do conhecimento.

Na escola tradicional, o professor está habituado a encontrar situações prontas de como proceder em sala de aula, dessa forma acomoda-se frente ao sistema e toda a ação pedagógica se resume em cumprir um programa estabelecido.

Talvez este seja um dos motivos pelos quais o professor vem resistindo a uma nova óptica.

Seria o medo do erro?

Embora muitos professores reconheçam que as novas descobertas fundamentam o trabalho do professor como também o processo de apropriação do saber, fazem restrições quanto à garantia da continuidade e qualidade desse trabalho.

Outros porém, sentem certa insegurança por falta de formação, por disporem de pouco tempo para um estudo profundo que os capacite a atuar de forma competente neste novo caminho.

Sabe-se que "a passagem do velho para o novo é mesmo um processo lento, que exige uma maturação gradativa (...) Porém, é preciso humildade para acreditar que não é o professor quem ensina. Acreditar que a criança é autônoma e capaz de aprender por sua própria iniciativa". (FERRAZ, 1989)

Assim sendo, é necessário que o professor esteja bem consciente da natureza de sua função como mediador entre o aluno e o objeto de estudo, fornecendo à criança suporte às situações informais do cotidiano, as relações entre falar e escrever, bem como, seu processo de interação possibilitando que ela tome consciência de suas descobertas.

1.4 - NOVAS PERSPECTIVAS DE ALFABETIZAÇÃO

À luz de novas propostas que representam um esforço no sentido de conjugar as idéias da criança com as exigências do ensino, não se pode mais conceber uma alfabetização qual um quebra-cabeça, fragmentada em disciplinas escolares, mas sim, unindo-as de forma contextualizada e interdisciplinar, abrangendo todas as áreas do conhecimento, Matemática, Ciências Naturais e Sociais, Educação Artística e Educação Física.

Segundo Sônia Kramer (1982), a alfabetização é ...

"um processo de representação que envolve situações gradativas (ler um objeto, um gesto, uma figura ou desenho, uma palavra) em que o objetivo principal é a apreensão e compreensão do mundo, desde o que está mais próximo à criança ao que está mais distante, visando a comunicação, a troca, a aquisição do conhecimento". (KRAMER, 1982)

Nesta perspectiva o professor não pode perder de vista que a criança ao entrar na escola já traz consigo valores, costumes e hábitos culturais que não podem ser menosprezados.

O sucesso da alfabetização neste trabalho, depende da elevação do grau de consciência e da determinação do professor para fazer as crianças avançarem nas suas descobertas.

É necessário que o professor tenha embasamento teórico sobre o processo de lingüística, psicolingüística e sócio-lingüística para que ele compreenda e passe a levar em conta a construção de hipóteses que a criança faz sobre a escrita possibilitando-lhe o domínio da língua.

Essas hipóteses se realizam num processo lento e gradual que implica em 'fases', 'períodos', ou 'estágios' de desenvolvimento pelos quais a criança passa.

"Antes que a criança compreenda a possibilidade de que as letras possam ter algum vínculo com a expressão de alguma realidade, isto é, que as letras possam dizer algo, ela faz experiências de ler a realidade em desenhos, gravuras e imagens gráficas. Ela associa às imagens a capacidade de expressar aspectos do real e nem suspeita que com um conjunto de risquinhos se possa fazer o mesmo". (GEEMPA, 1988)

Entre as concepções iniciais e os estágios mais avançados da escrita existe um processo de evolução que depende do raciocínio lógico e das hipóteses formuladas pela criança provocando conflitos que permitirão a compreensão de novos conceitos.

Segundo técnicos do GEEMPA (RS), realizando um trabalho baseado nos estudos de Emília Ferreiro, afirmam que em vez de simplificar, temos que complexificar, oferecendo a criança um ambiente para que ela possa avançar conceitualmente na apreensão do universo da língua escrita. Para isso, deve-se trabalhar ao mesmo tempo, a letra, a palavra e o texto que são elementos do sistema.

O ponto de partida da prática pedagógica deverá centrar-se na realidade vivencial do aluno; isto não significa manter o aluno no isolamento cultural, mas partir das peculiaridades lingüísticas dos alunos, ampliando e aprofundando seu conhecimento, englobando todo saber e todos os meios expressivos e comunicativos.

Assim, a apropriação do conhecimento e as relações entre falar e escrever acontecem através do processo de interação descrito por VIGOTSKY (1978). "É no processo de interação que o adulto vai fornecendo à criança suporte para a solução de problemas que envolvem suas noções espontâneas sobre o mundo físico e social, possibilitando que ela tome consciência de suas próprias atividades".

Orientando a criança na descoberta das regras do jogo da aprendizagem através de uma proposta construtivista poderemos alcançar resultados surpreendentes.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA

1.0 - DELINEAMENTO DA PESQUISA

Este estudo caracteriza-se como um projeto de investigação com pesquisa de campo do tipo teórica.

1.1 - POPULAÇÃO E AMOSTRA

Sendo a micro-região composta por 24 (vinte e quatro) unidades escolares, pertencentes a rede estadual de ensino (conforme estatística 1992 - 18^a região), dessas, 10 (dez) são colégios e 14 (quatorze) são escolas básicas nos diferentes municípios. Optou-se pela amostragem aleatória simples, objetivando a imparcialidade na seleção das escolas, bem como dos professores.

Tomaram-se como parte representativa 10 (dez) unidades escolares compondo uma população de 16 (dezesesseis) professores atuantes nas 1^as séries do 1^o grau.

A amostragem aleatória processou-se pelas Unidades Escolares que receberam números pares em uma das colunas inclinadas da tabela dos números aleatórios (TNA - Anexo I)

1.2 MÉTODOS E TÉCNICAS

Para melhor análise da prática da alfabetização dos professores, utilizou-se um questionário, visando a qualidade e não a quantidade, composto por informações pessoais desses profissionais e outras objetivando captar os aspectos mais relevantes no que diz respeito aos procedimentos utilizados durante o processo ensino-aprendizagem.

1.3 - DESCRIÇÃO DO INSTRUMENTO

Com o propósito de atingir aos objetivos desse estudo fez-se um levantamento de dados, utilizando-se um questionário composto por 8 (oito) questões abertas e fechadas, constituindo-se em suporte básico de informações que apresentam evidências de como vem se processando a alfabetização em nossas escolas. (Anexo V)

1.4 - DESCRIÇÃO DA COLETA DE DADOS

Para que a pesquisa fosse realizada nas Unidades Escolares, solicitou-se formalmente (ofício - Anexo III) um pedido de apoio à pessoa que representa o Secretário da Educação na 18^a Região; após um contato, foi-nos conferida uma data onde estariam reunidos os diretores afim de solicitar-lhes a permissão para aplicação da pesquisa em suas escolas, esclarecendo através de um diálogo explicativo os objetivos do referido instrumento.

A testagem do instrumento foi aplicada pelo próprio investigador, a uma professora alfabetizadora, não participante da pesquisa, garantindo através de suas respostas, a aplicabilidade da pesquisa.

O questionário foi aplicado nas seguintes escolas:

- a) C. E. "Almirante Barroso";
- b) E. B. "Gertrudes Müller";
- c) E. B. "Rodolfo Zipperer";
- d) E. B. "Frei Menandro Kamps";
- e) E. B. "General Osório";
- f) E. B. "Luís Davet";
- g) E. B. "Frei André Malinski";
- h) E. B. "Germano Wagenfur";
- i) E. B. "Clementino Brito";
- j) E. B. "Horácio Nunes".

O questionário foi respondido por 16 (dezesesseis) professores atuantes nas primeiras séries do 1^o grau pertencentes aos municípios de Canoinhas, Major Vieira, Três Barras, Irineópolis e Porto União que constituem a 18^a região.

Partiu-se para a análise e interpretação dos dados.

Com as afirmações obtidas fez-se a elaboração dos textos finais que se encontram registrados através de tabelas, listas e gráficos para melhor compreensão dos resultados.

CAPÍTULO IV - ANÁLISE DOS DADOS

1.0 - TRATAMENTO DOS DADOS

A codificação dos resultados encontra-se demonstrada através de tabelas, listas e gráficos agrupando-se os dados referentes a opinião dos professores alfabetizadores, com sua respectiva frequência e percentual.

2.0 - EVIDENCIAÇÃO DOS RESULTADOS

TABELA I - LOCALIZAÇÃO DA ESCOLA E TEMPO DE ATUAÇÃO DO ALFABETIZADOR

Zona Anos de alfab	URBANA		RURAL		PERIFERIA		TOTAL	
	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%
0 a 5	02	12,50	00	0,00	01	6,25	03	18,75
6 a 10	02	12,50	00	0,00	02	12,50	04	25,00
11 a 15	02	12,50	01	6,25	02	12,50	05	31,25
16 a 20	03	18,75	00	0,00	01	6,25	04	25,00
TOTAL GERAL	09	56,25	01	6,25	06	37,50	16	100,00

2

1,5

1

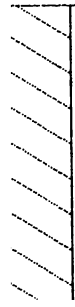
,5

0

A |



de Atuacao



URBANA



RURAL



PERIFERIA

TABELA II - CARACTERIZAÇÃO QUANTO A FORMAÇÃO DO PROFESSOR - ALFABETIZADOR

ANO \ Formação	2º Grau		3º Grau		TOTAL	
	MAG.	%	PED.	%	Nº	%
0 a 5	01	6,25	05	31,25	06	37,50
6 a 10	01	6,25	00		00	6,25
11 a 15	0		00		00	
16 a 20	02	12,50	00	0,00	02	12,50
21 a 25	02	12,50	00		02	12,50
CURSANDO	0		03	18,75	03	18,75
ABSTENÇÕES	02	12,50			02	12,50
TOTAL GERAL	08	50,00	08	50,00	16	100,00

LEGENDA:

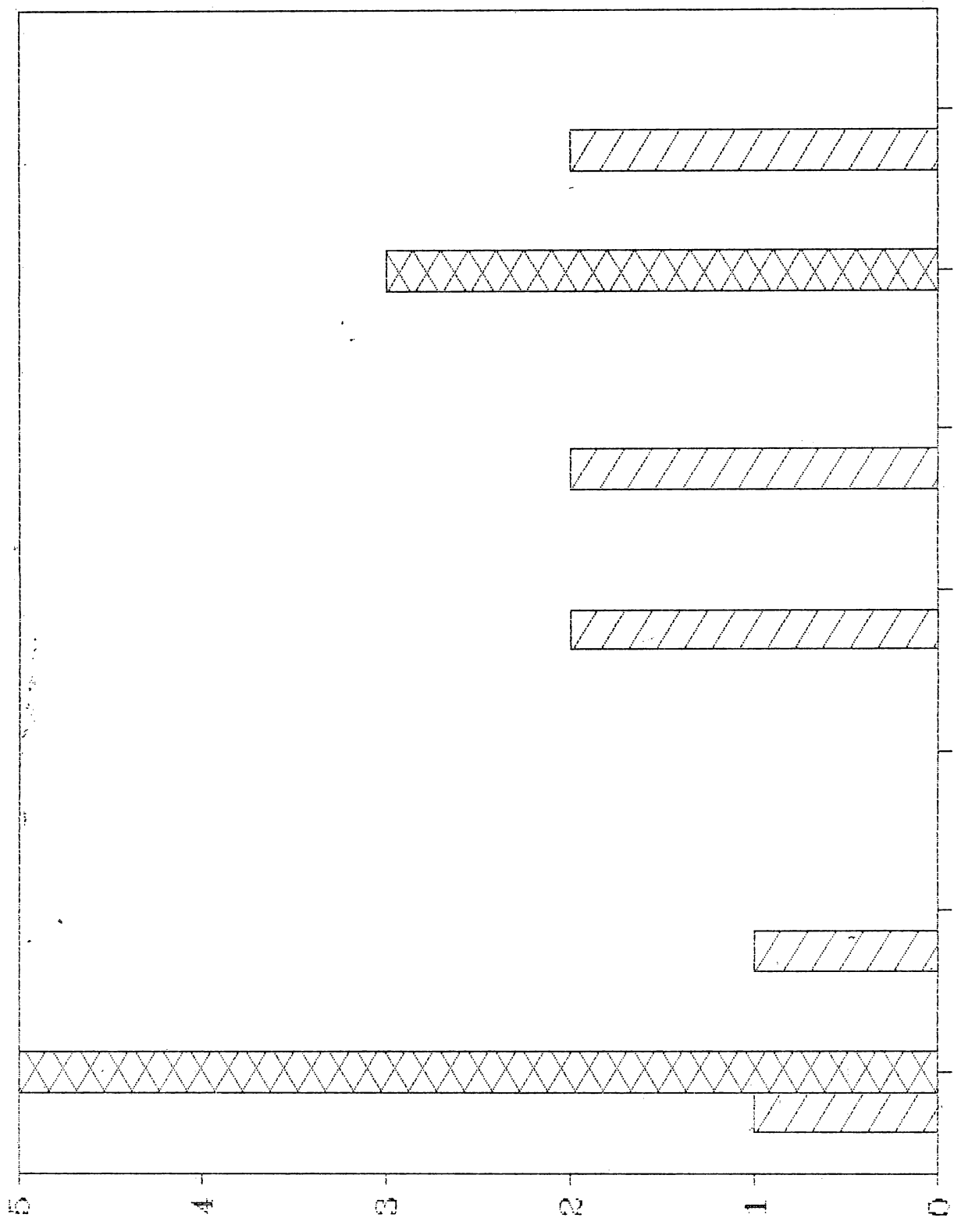
MAG. = Magistério

PED. = Pedagogia

TABELA III - CONCEPÇÃO DOS PROFESSORES QUANTO AO USO DO LIVRO DIDÁTICO

ALTERNATIVAS	PROFESSORES		ALUNOS	
	Nº	%	Nº	%
SIM	14	87,50	11	68,75
NÃO	02	12,50	02	12,50
ABSTENÇÃO	00		03	18,75
TOTAL GERAL	16	100,00	16	100,00

20 grau
30 grau



Concepção dos Professores quanto uso do Livro Didático

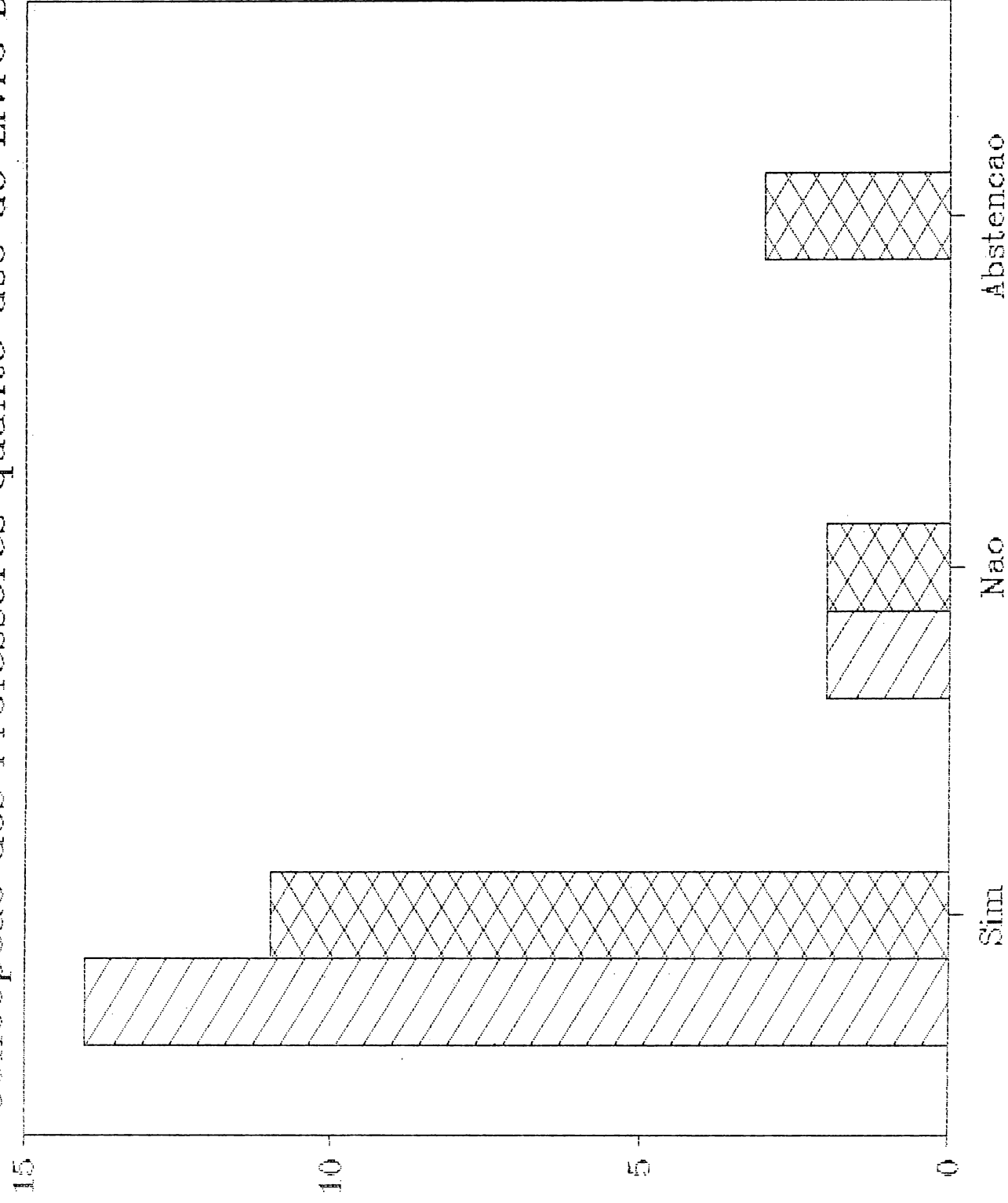
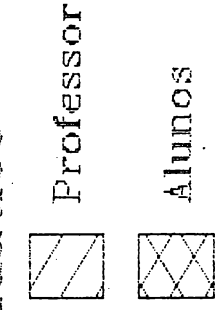


TABELA IV - A QUEM CABE O PODER NA ESCOLA?

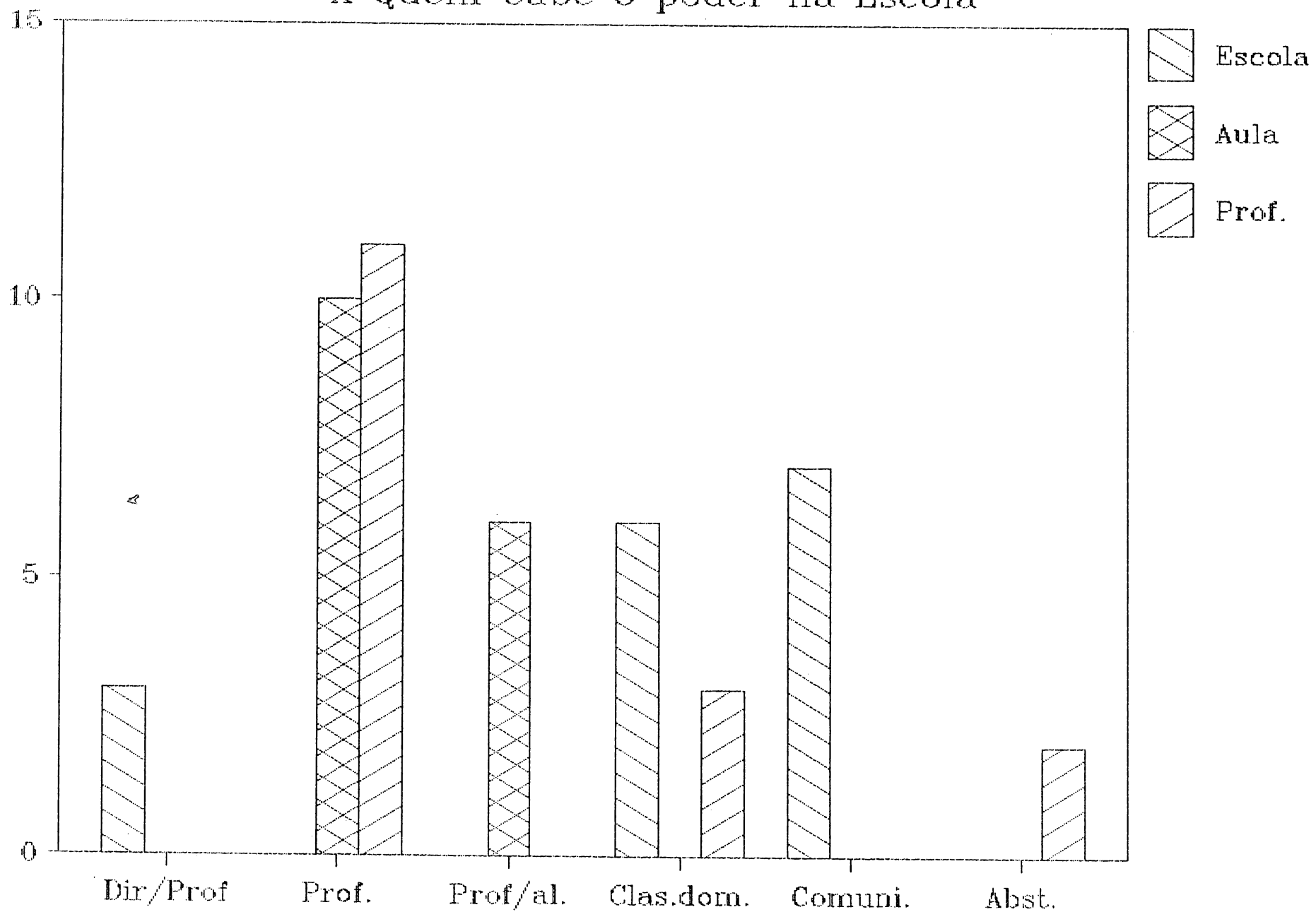
RELAÇÕES DE PODER	ESCOLA		AULA		PROFESSOR	
	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%
DIREÇÃO E PROFESSOR	03	03	18,75			
PROFESSOR			10	62,5	11	68,75
PROFESSORES E ALUNOS			06	37,5		
CLASSE DOMINANTE	06	37,50			03	18,75
COMUNIDADE ESCOLAR	07	43,75				
ABSTENÇÕES					02	12,50
TOTAL GERAL	16	100,00	16	100,00	16	100,00

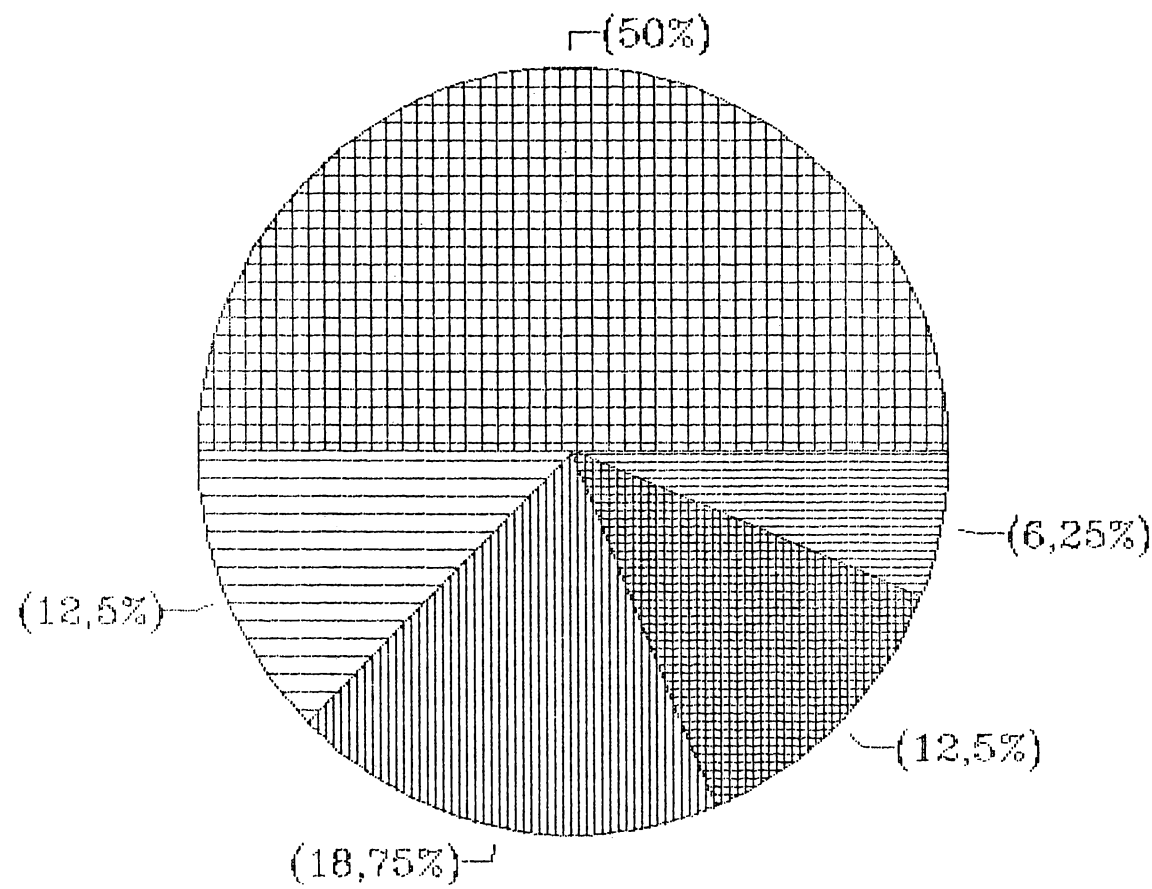
TABELA V - MÉTODOS DE AVALIAÇÃO MAIS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES

MÉTODOS AVALIATIVOS	RESPOSTAS	
	N ^o	%
OBSERVAÇÃO	08	50,00
CONCEITOS	02	12,50
TESTE ORAL E DESCRITIVO	03	18,75
AUTO-AVALIAÇÃO	02	12,50
ABSTENÇÃO	01	6,25
TOTAL GERAL	16	100,00

GRAFICO TABELA IV

A Quem Cabe o poder na Escola





Observacao

Conceitos

Teste oral/descrit

Auto-avaliacao

Abstencao

TABELA VI - COMO ACONTECE A ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA?
MÉTODOS DE ENSINO NO COTIDIANO ESCOLAR:

MÉTODOS	RESPOSTAS	
	N ^o	%
SINTÉTICO	06	37,50
ANALÍTICO	02	12,50
ECLÉTICO	06	37,50
ABSTENÇÕES	02	12,50
TOTAL GERAL	16	100,00

TABELA VII - ASPECTOS QUE INTERFEREM NO COTIDIANO ESCOLAR

DIFICULDADES	PESSOAS		ALUNOS		AULA	
	n ^o	%	n ^o	%	n ^o	%
SIM	07	44,00	13	81,25	12	75,00
NÃO	09	56,00	03	18,75	02	12,50
ABSTENÇÕES					02	12,50
TOTAL GERAL	16	100,00	16	100,00	16	100,00

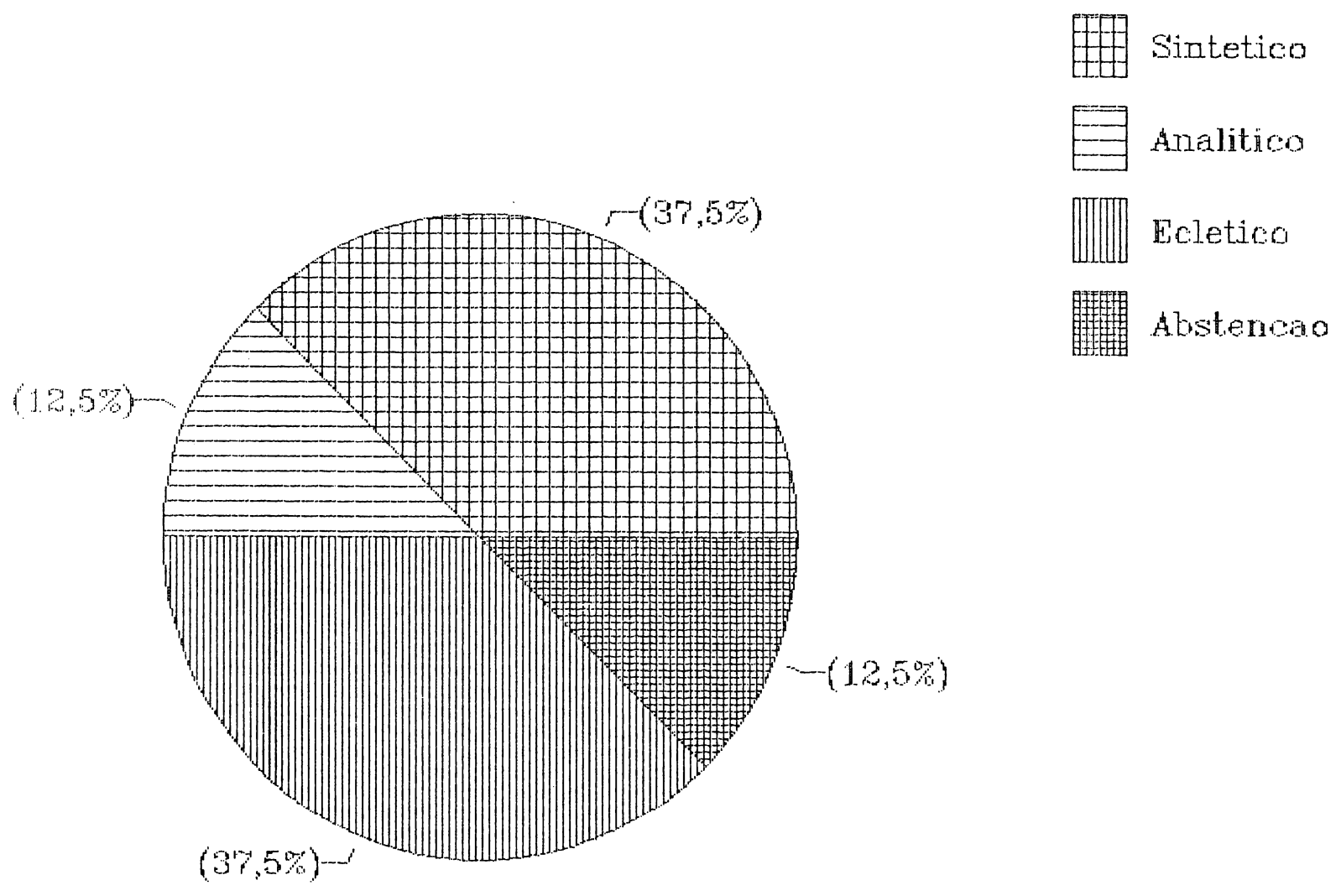


GRAFICO TABELA VII

Aspectos que Interferem no Cotidiano Escolar

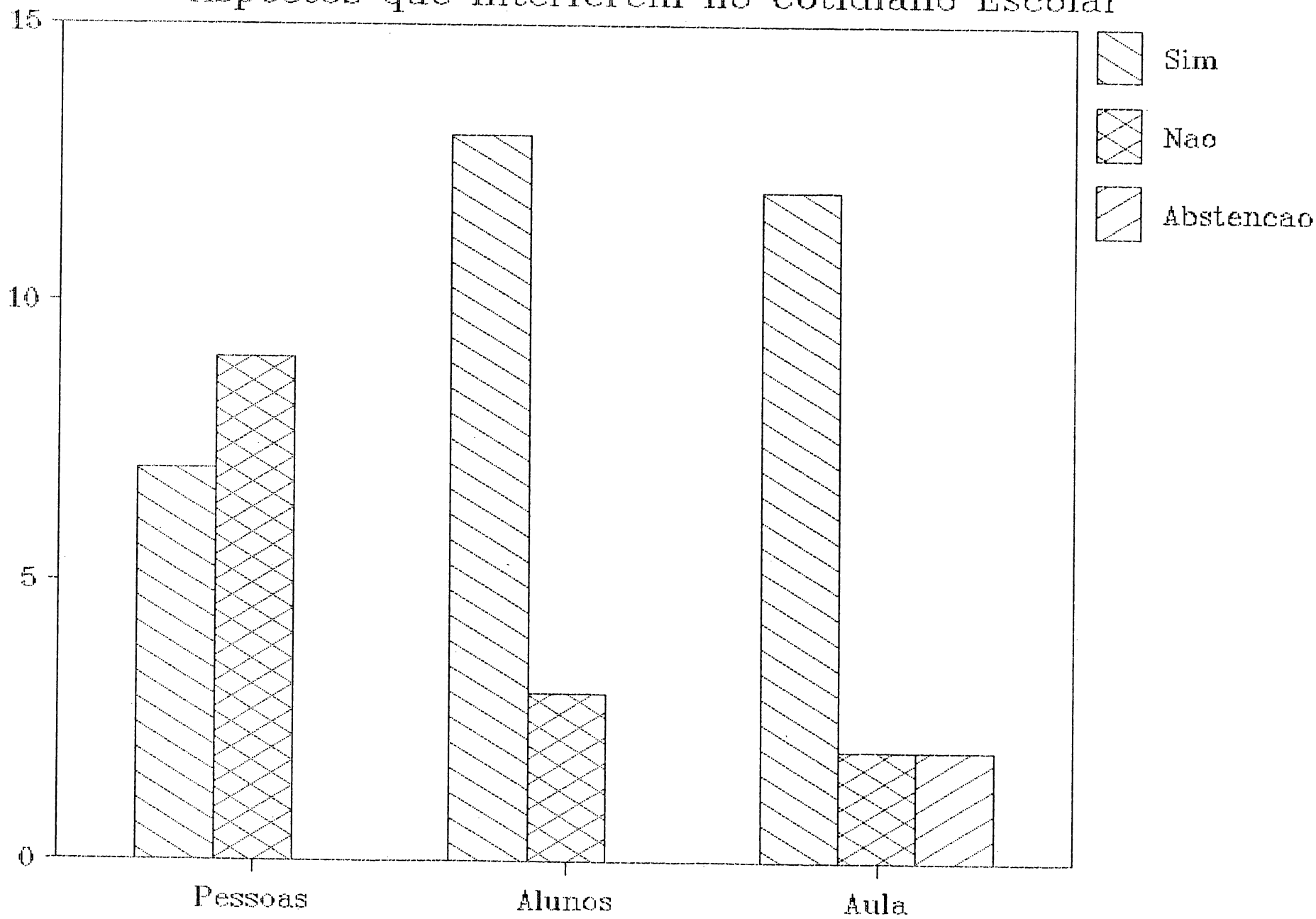


GRAFICO I

Dificuldade em Relacao as Pessoas na Escola

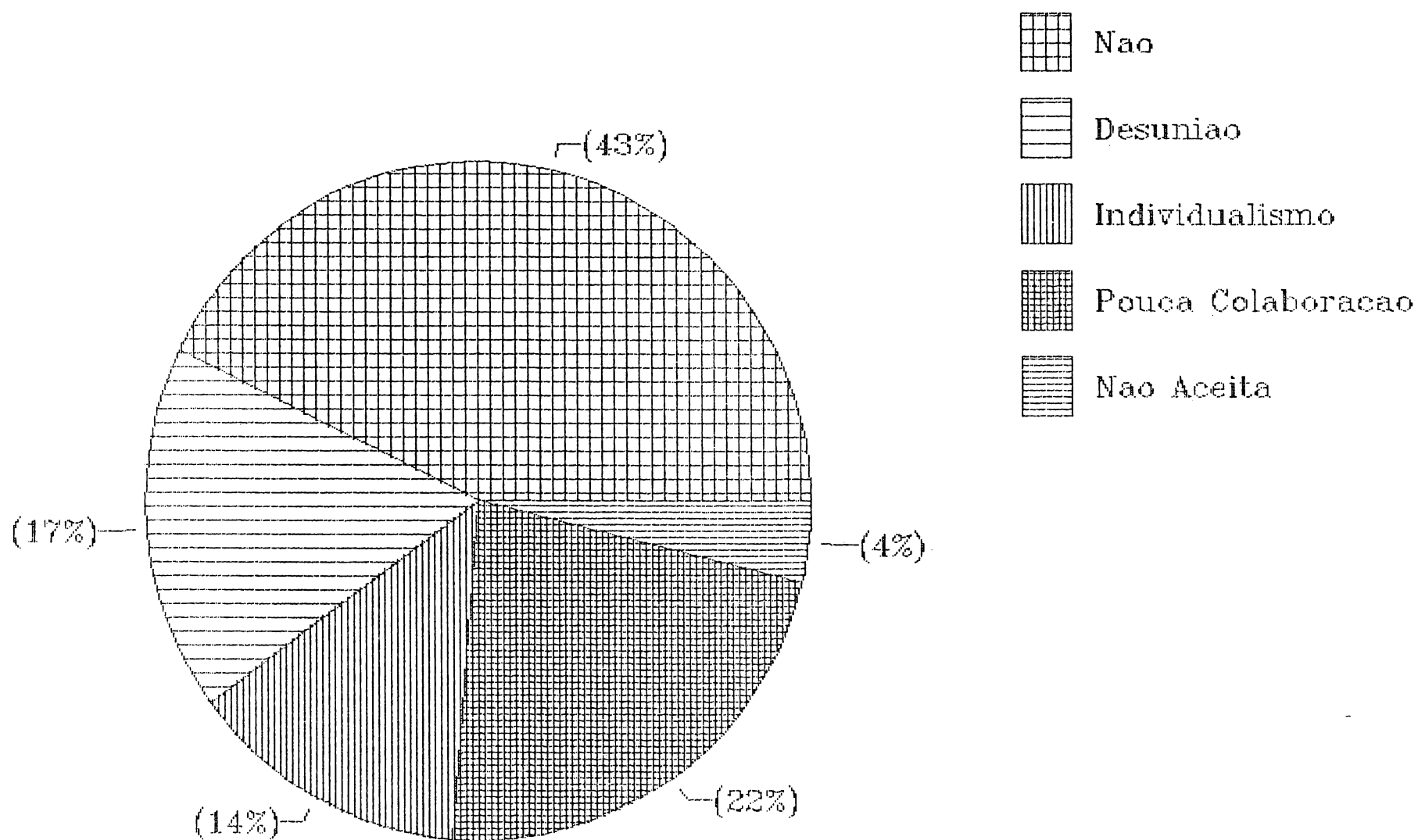


GRAFICO II

Aspectos que Dificultam o Cotidiano Escolar

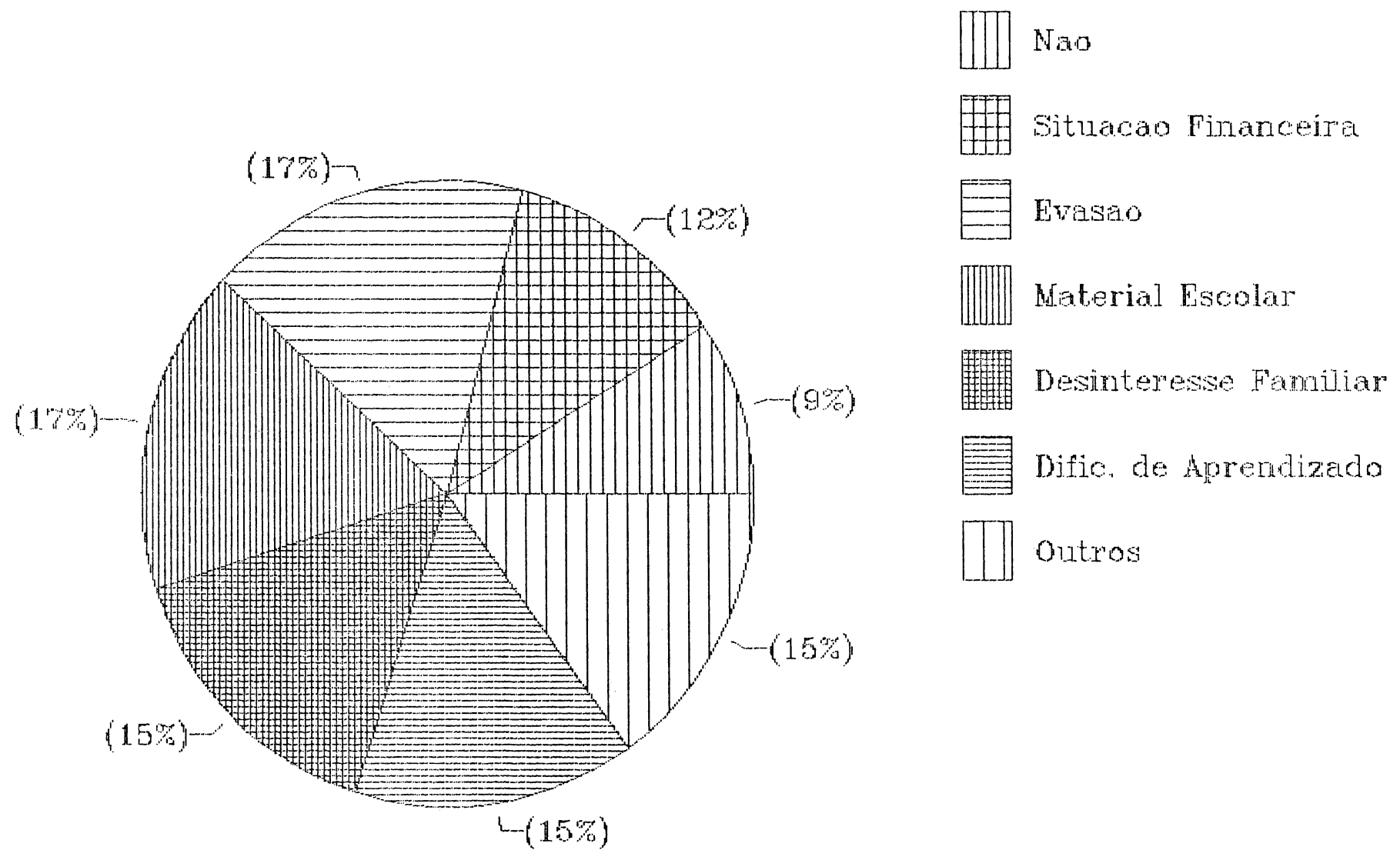
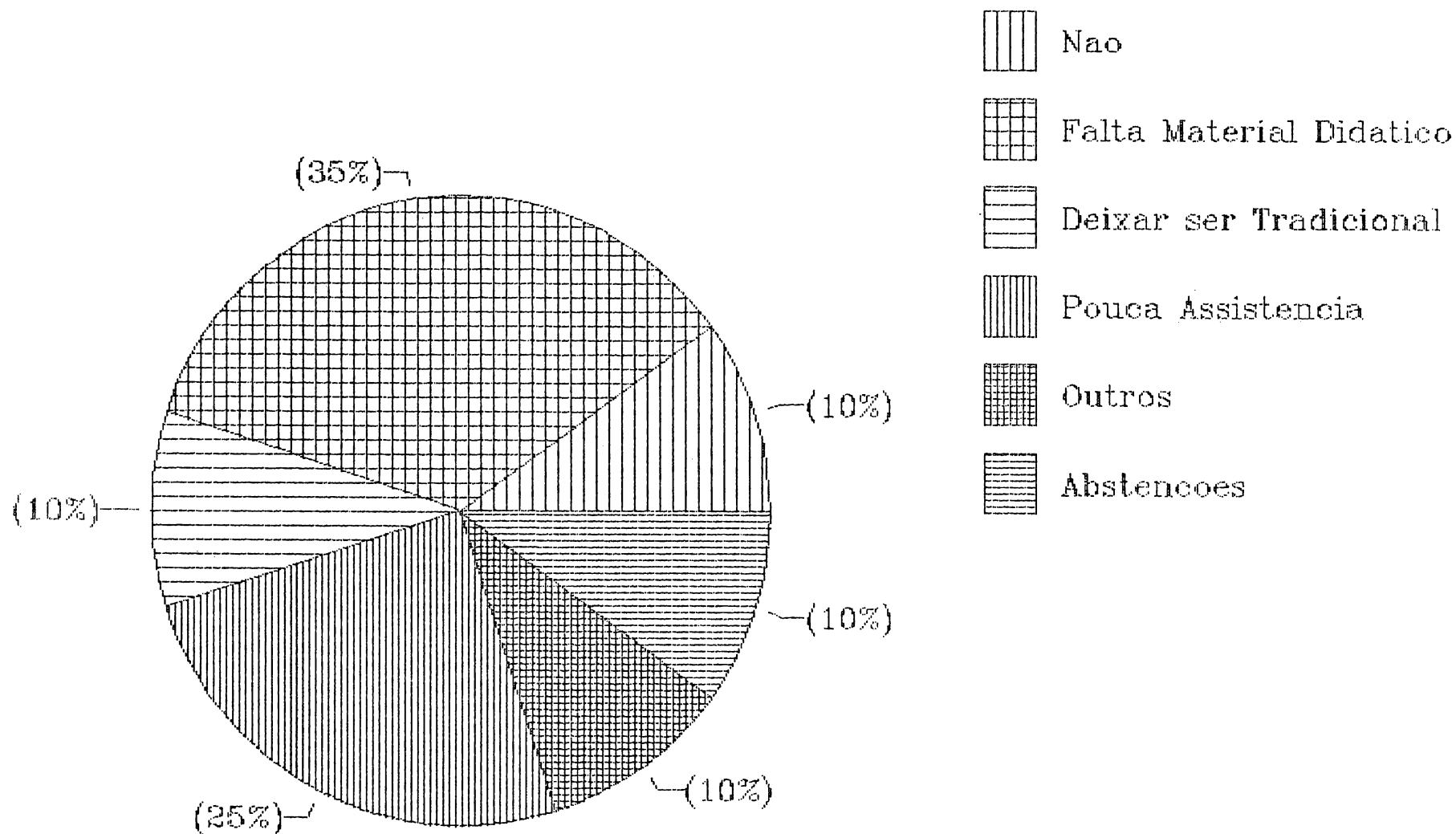
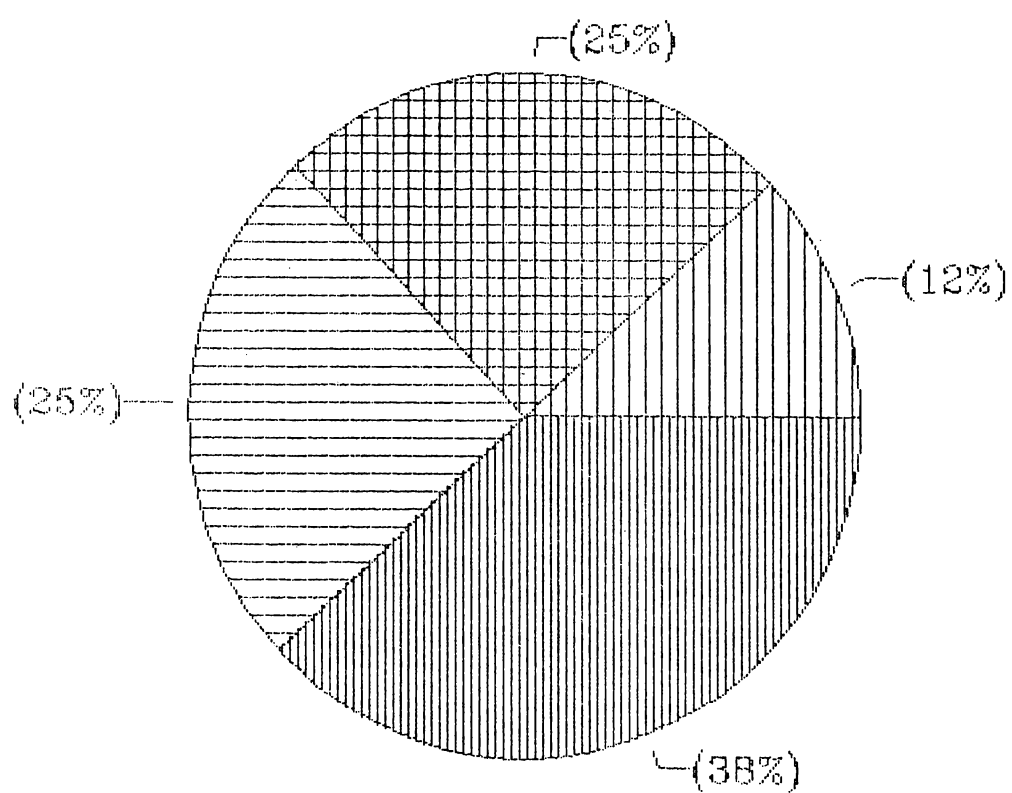


GRAFICO III

Aspectos que Dificultam o Procedimento das Aulas





Comport. diante da Socied.



Formacao do Educando



Auto-aperfeicoamento



Ensinar-transm. conhec.

GRAFICO V

Aprendizagem no Contexto da Alfabetizacáo

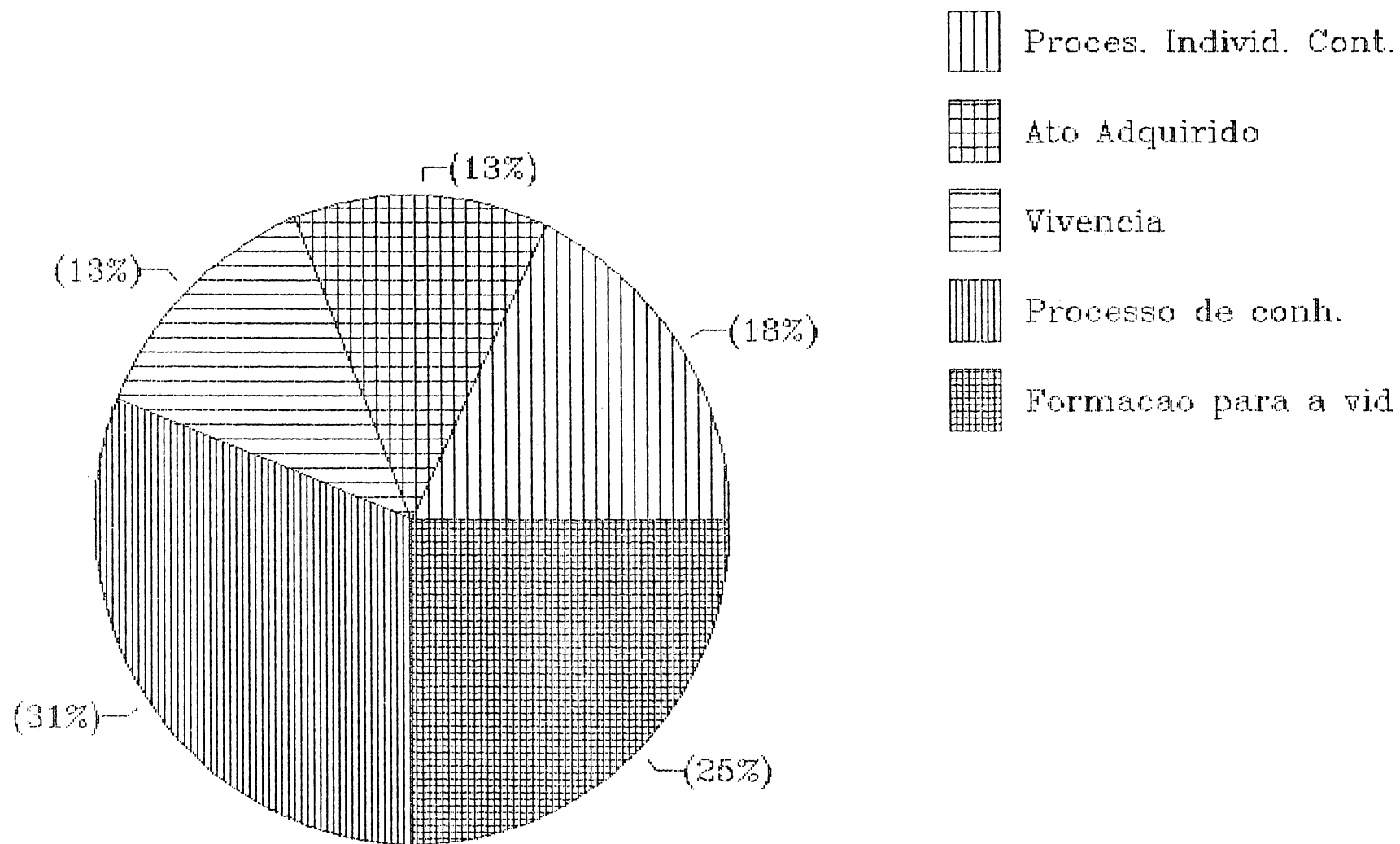


GRAFICO VI

Característica do Aluno Alfabetizado Seg. Professores

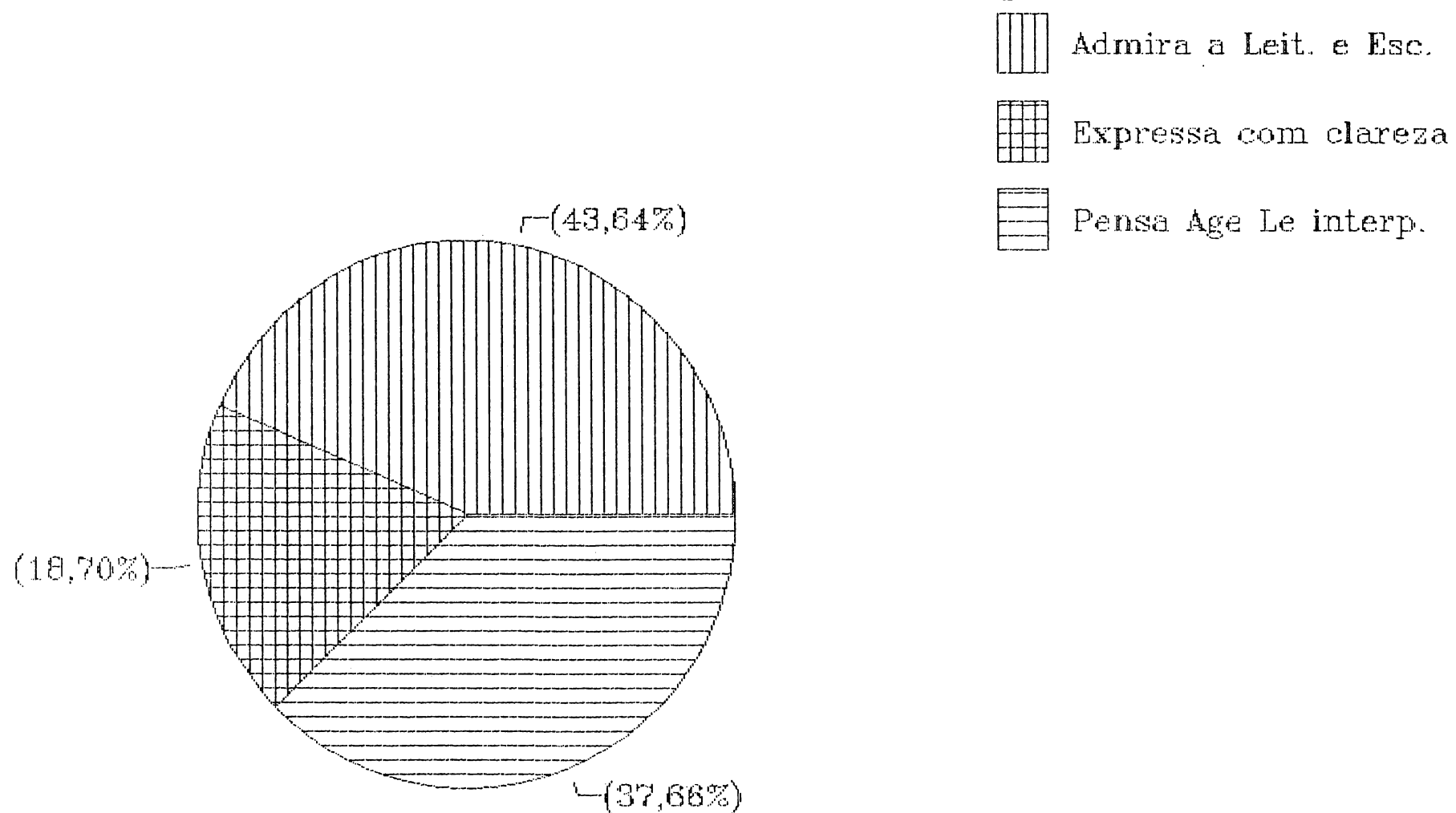


GRAFICO VII

Opiniao dos Prof. sobre o Conceito Alfabetizar

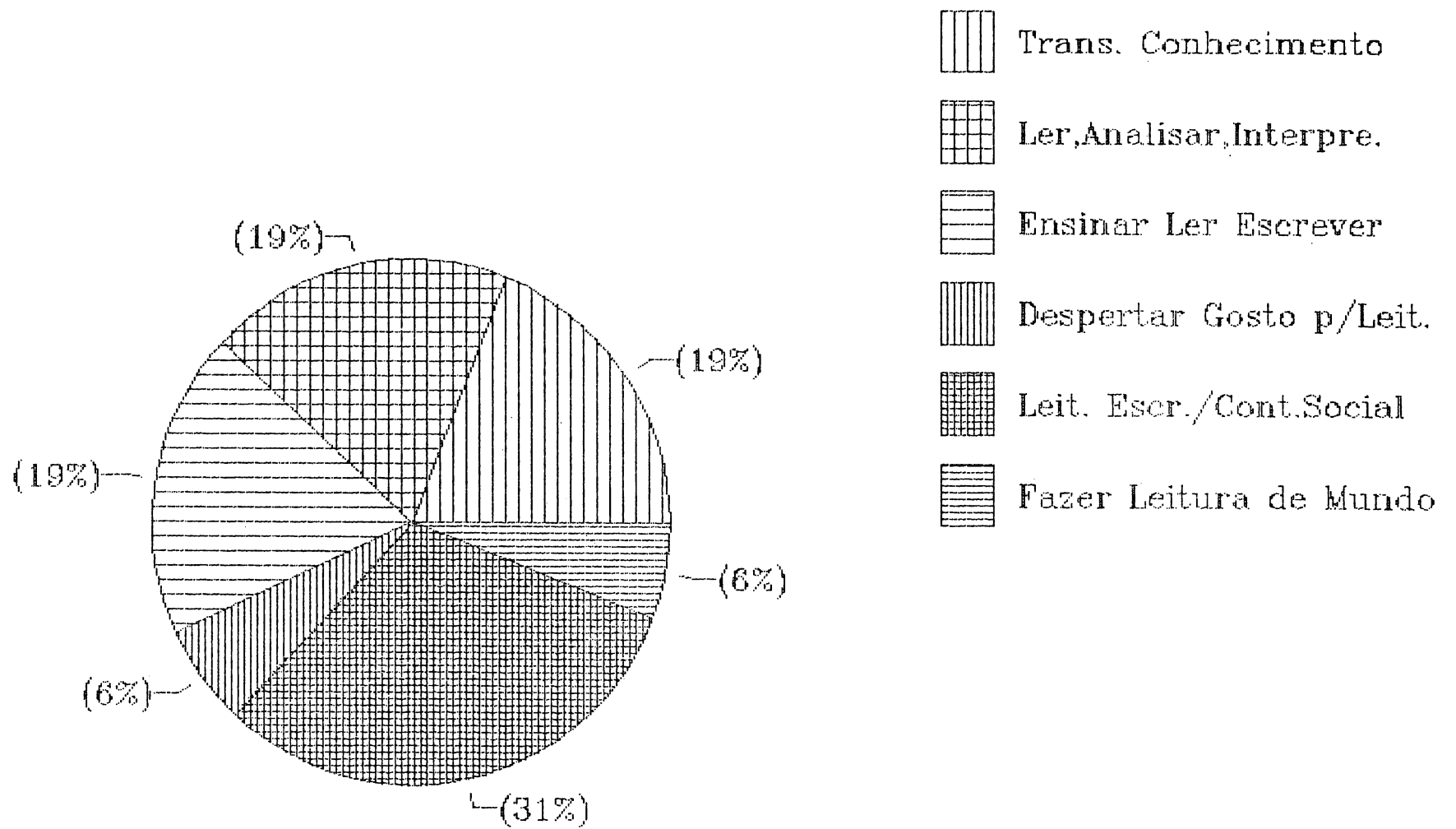





GRAFICO VIII

Alfabetizacao no Contexto do Alfabetizador

-  Encaminhar o Aluno
-  Processo Continuo
-  Transf. num Ser Critico

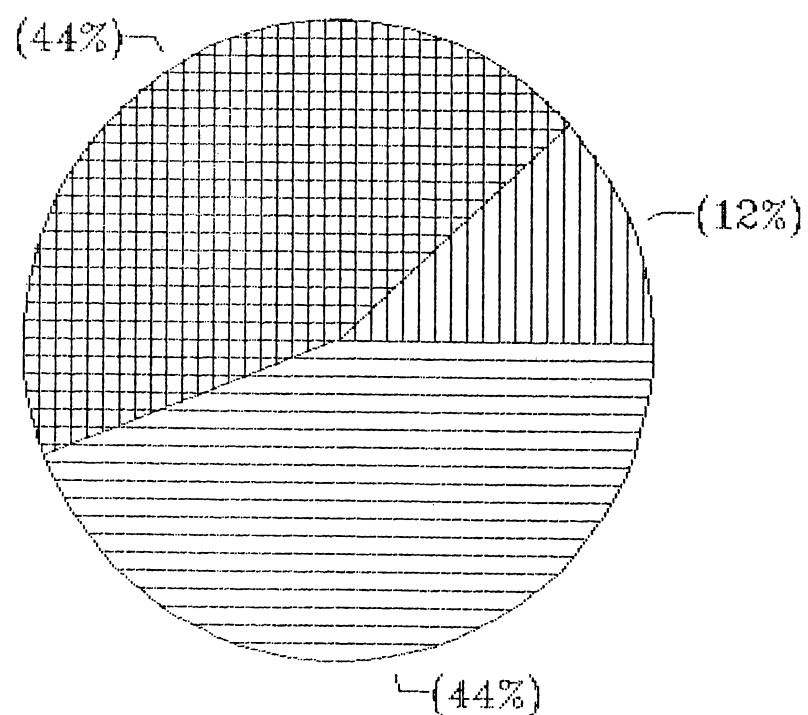


GRAFICO IX

Visao do Professor Quanto a Cursos de Aperfeicoamento

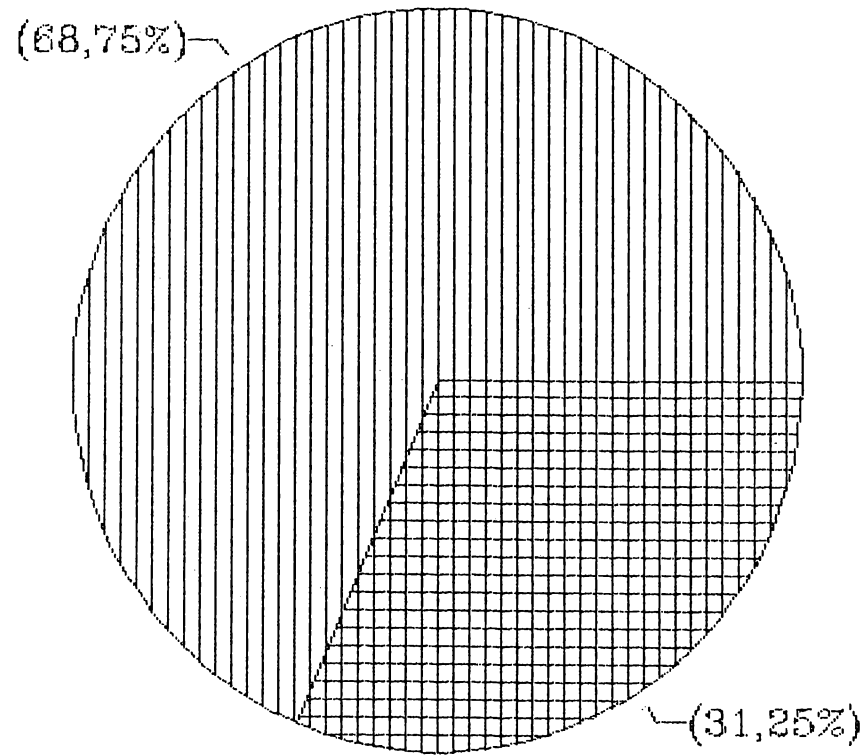
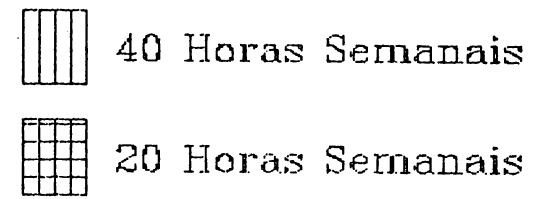
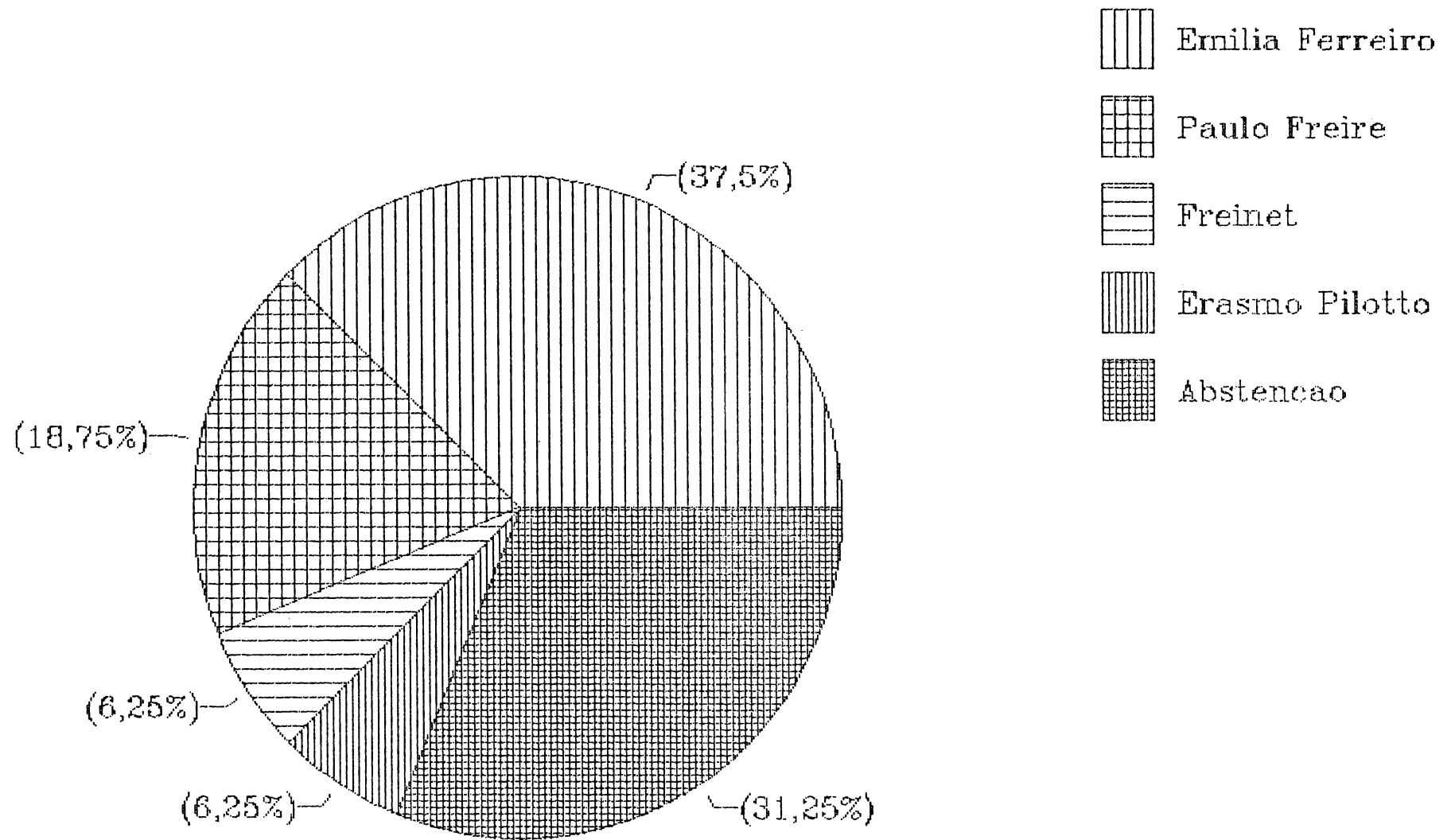


GRAFICO X

Personagens Tidos como Teoricos da Alfabetizacao



2.1 - ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO

A presente pesquisa apresenta de forma descritiva a análise e interpretação dos dados revelados através de informações fidedignas e de posicionamentos autênticos obtidos no desenvolvimento do instrumento de coleta dos dados.

Abordou-se qualitativamente o que foi prefaciado pelos professores, preocupando-se em manter a congruência dos resultados obtidos estatisticamente.

As escolas que fizeram parte da pesquisa pertencem à zona urbana, rural e de periferia. Pode-se observar que 31,25% (trinta e um vírgula vinte e cinco por cento) dos professores possuem entre 11 a 15 (onze a quinze) anos de atuação somente nas primeiras séries; um empate de 25% (vinte e cinco por cento) ocorre entre aqueles que vem atuando com média de 16 a 20 (dezesesseis a vinte) anos e 6 a 10 (seis a dez) anos. Um número mais reduzido de 18,75% (dezoito vírgula setenta e cinco por cento) estão na faixa de 0 a 5 (zero a cinco) anos.

Segundo os resultados 37,5% (trinta e sete vírgula cinco) dos professores concluíram o Curso de Magistério há menos de 5 (cinco) anos e 18,75% (dezoito vírgula setenta e cinco por cento) permanecem em Cursos de Pedagogia e abstenções.

A maioria, 85,5% (oitenta e cinco vírgula cinco por cento) dos professores costuma usar o livro didático. Assim sendo, segue-se uma lista de opiniões sobre o mesmo:

- "Para variar as atividades". (2)
- "Porque serve como ponto de apoio".
- "Porque é mais prático".
- "Para diversificar os conteúdos e exercícios trabalhados".
- "Uso, mas nem sempre é a realidade dos alunos".
- "Serve como um recurso a mais para a aprendizagem".
- "É a única maneira de um aluno manusear um livro".
- "Apenas como reforço, para fixação de sílabas". (3)
- "Para auxiliar no ensino-aprendizagem".
- "Como temos falta de material, ele auxilia de vez em quando"
- "Apenas para complementação das aulas".

Os professores que costumam dar livros didáticos para os alunos expressaram sua opinião com os quesitos da seguinte listagem:

- "Somente para leituras suplementares" (03)
- "Utilizo a cartilha para reforçar o estudo de sílabas" (4)
- "Para que a criança saiba se localizar, e é lendo que se aprende a ler. Vario de livros para que não haja 'decoreba'".
- "Para que utilizem como um recurso a mais no seu aprendizado". (2)
- "Os livros didáticos para análise dos textos e exercícios. Os livros de literatura para sentirem a diferença entre os dois".

Outros 12,5% (doze vírgula cinco por cento) são contra a utilização do livro didático pelo aluno por considerarem que:

- "As poucas vezes que vem cartilha para a escola, não são suficientes e nem estão de acordo com a realidade dos alunos".
- "As poucas vezes que vêm cartilhas, são mais aproveitadas como reforço de atividades, não podemos tê-las como referências de atividades devido a qualidade das mesmas".

Quanto ao poder na escola, 18,75% (dezoito vírgula setenta e cinco por cento) dos professores afirmaram que a escola é dirigida pela direção e professores. Outros 37,5% (trinta e

sete vírgula cinco por cento) disseram que a escola é dirigida pela classe dominante. E a maioria dos professores, num total de 43,75% (quarenta e três vírgula setenta e cinco por cento) afirmaram que a escola é dirigida pela comunidade escolar, alegando que:

- "A escola não tem mandantes, é um grupo que deve trabalhar unido".
- "As pessoas que lutam pela sua maioria".
- "Ninguém, apenas o trabalho deve ser em conjunto para obter bons resultados".
- "Diretores, professores e demais participantes". (3)
- "Quem na verdade quer que ela cresça".

No que compete a sala de aula, percebeu-se que 62,5% (sessenta e dois vírgula cinco por cento) dos professores consultados revelaram que mandam em suas aulas e apenas 37,5% (trinta e sete vírgula cinco por cento) dos professores ministram suas aulas com a participação dos alunos.

Pode-se verificar através de depoimentos que 68,75% (sessenta e oito vírgula setenta e cinco por cento) dos professores declaram:

- "Sou livre como todo trabalhador o é, mas cumpro meus deveres e respeito meus superiores"
- "A minha consciência" (03)
- "Eu, muitas vezes com a orientação dos alunos".
- "Lógico que eu".
- "Ninguém, porque cumpro com minhas obrigações". (2)
- "Ninguém, mas aceito as sugestões para melhorar o meu trabalho".
- "Minha aula, eu ministro como quero, só que a gente tem que ficar presa ao programa de ensino". (2)

Os 18,75% (dezoito vírgula setenta e cinco por cento) dos professores que revelaram sofrer interferência da classe dominante justificaram suas afirmativas:

- "A pessoa não se manda, ela é obrigada a seguir certas normas impostas pela sociedade".

- "As autoridades competentes do colégio (direção) é que mandam nos professores". (1)

Quanto aos métodos de avaliação percebe-se que 50% (cinquenta por cento) dos pesquisados respondentes utilizam como método avaliativo a observação, justificando em questão aberta:

- "O aluno deve ser avaliado em todos os momentos".
- "Todos os procedimentos do aluno devem ser observados e valorizados, atendendo as diferenças individuais."

Enquanto um somatório de outras alternativas resultou em mais 50% (cinquenta por cento) que especificaram usar outros métodos que não os tradicionais.

Foi possível verificar que os métodos de ensino que mais se destacaram na prática escolar com 37,5% (trinta e sete vírgula cinco por cento), cada, foram os métodos eclético e sintético.

Conforme análise à Tabela VII, pode-se verificar que 44% (quarenta e quatro por cento) dos professores pesquisados não encontraram dificuldades com relação às pessoas na escola, já 56% (cinquenta e seis por cento) admitem encontrá-las. Esta tabela deu origem a abertura dos gráficos I, II e III, cuja análise (gráfico I) é marcada pela desunião, individualismo, pouca colaboração e a não-aceitação de inovações por parte das pessoas que atuam na escola. Com relação aos alunos (gráfico II) as dificuldades estão centradas na situação financeira, evasão, material escolar, desinteresse da família e aprendizagem, enquanto que como dificuldades no procedimento sala de aula (gráfico III) foram apontadas: a falta de material didático, em excesso de tradicionalismo e pouca assistência pedagógica.

Observando-se o gráfico IV, 37,5% (trinta e sete vírgula cinco por cento) dos professores consideraram que educação é o "ato de ensinar e transmitir conhecimentos". Já com equiva-

lência de 25% (vinte e cinco por cento), outros dois conceitos resultaram da opinião dos pesquisados "Educação como formação do educando" e "busca do auto-aperfeiçoamento". Ainda, 12% (doze por cento) opinaram como sendo "o comportamento das pessoas diante da sociedade".

Ao analisar-se o gráfico V, que diz respeito à aprendizagem no contexto da alfabetização, foi possível observar que 31% (trinta e um por cento) reconhece este como um processo de conhecer, aprender, discutir e ficar diferente, enquanto 25% (vinte e cinco por cento) dos pesquisados responderam que este diz respeito à formação para a vida, outros 18% (dezoito por cento) acreditam ser um processo contínuo e individual e dois conceitos atingiram outros 13% (treze por cento) dizendo ser este um processo adquirido e/ou formado com a vivência.

Segundo os professores pesquisados, 43,75% (quarenta e três vírgula setenta e cinco por cento), consideram que o aluno está alfabetizado quando domina a leitura e escrita. Outros 37,5% (trinta e sete vírgula cinco por cento) dos professores afirmaram que o aluno está alfabetizado quando esse é capaz de pensar, agir, ler, interpretar e criar. Já 18,75% (dezoito vírgula setenta e cinco por cento) disseram que é quando o aluno consegue se expressar com clareza.

Nota-se, porém, que somente 31% (trinta e um por cento) dos professores entende que alfabetizar é permitir o acesso da leitura e escrita no contexto social, bem como, apenas 6% (seis por cento) acha que alfabetizar é fazer leitura de mundo.

Frente ao gráfico VIII, pode-se observar os diferentes conceitos que fazem os alfabetizadores sobre a alfabetização: 44% (quarenta e quatro por cento) dos pesquisados responderam que este é "um processo contínuo e que não se limita apenas a leitura e símbolos gráficos"; o mesmo percentual coube outro conceito: "alfabetização é levar o aluno à identificação dos sinais gráficos e à interpretação real dos textos, transformando-os num ser crítico e participativo".

No que diz respeito à visão do professor quanto à cursos de aperfeiçoamento, 68,75% (sessenta e oito vírgula setenta e cinco por cento) dos professores trabalham 40 (quarenta) horas semanais. Este vem a ser um dos fatores que interferem na busca do aperfeiçoamento. (Em anexo lista de justificativas).

Segundo o gráfico X, dos teóricos da educação, 37,5% (trinta e sete vírgula cinco por cento) dos professores citaram Emília Ferreiro como sendo uma grande teórica da alfabetização. Enquanto que Paulo Freire foi citado por 18,75% (dezoito vírgula setenta e cinco por cento) dos professores; Freinet e Erasmo Piloto com 6,25% (seis vírgula vinte e cinco por cento) e 31,25% dos pesquisados abstiveram-se. (Opiniário em lista-anexo)

1.0 - CONCLUSÕES

Com base nos resultados obtidos nesse trabalho faz-se necessário reportar-se às hipóteses levantadas quando da origem do problema: A resistência do professor em assumir proposta de alfabetização contextualizada está ligada à sua passividade e alienação às questões políticas.

No momento presente os professores vêm tentando disfarçar seu ensino muitas vezes arcaico, mas seguem um mesmo ritmo e, não estão dispostos a mudar já que mudanças implicam em mais trabalho, estudos, responsabilidades, justificando também que isso se dá devido ao fato de serem pessoas desvalorizadas, sem tempo de buscar aperfeiçoamento e que o baixo salário não permite uma vida digna.

Partindo da constatação de que a grande carência da educação, em sentido amplo, está na falta de uma linha filosófica pessoal, em saber porque se 'educa' ou 'porque se é educado'. Conclui-se que o entrave está mais na formação deficiente e academicista dos docentes, do que na falta de recursos financeiros quando deixam de aperfeiçoar seus conhecimentos, tornando os alunos alvo de um saber descontextualizado e antidemocrático, pois, não se pode democratizar o que não se sabe.

Nesse sentido e através de situações concretas, vale reportar-se ao que referencia a 2^a hipótese: A ausência de competência técnica do professor aliada a ausência política decorrentes de uma má formação profissional, aumentam a resistência do professor em relação à abrangência da alfabetização.

Mergulhados na grave situação do 'faz-de-conta', o mesmo propicia a acomodação, gerando desta forma o desconhecimento, criando abismos ao invés de alternativas de inovação.

Como resultado, "o saber, o saber ser e o saber fazer não podem se consolidar na sua totalidade, porque há interesses camuflados no interior do grande sistema". (EDUCAR, 1985)

Assim sendo, muitos estudos já estão sendo realizados no sentido de refletir a alfabetização, porém é apenas um começo, um novo desafio, o de unir as forças e lutar contra os acomodados tradicionalistas, que continuam lutando contra idéias libertadoras que respeitam a individualidade dos alunos, assegurando-lhes um ensino de qualidade, tornando-os mais críticos e participativos dentro do contexto social.

Apesar disso muitas das agências formadoras não possuem ainda uma prática, fruto da competência técnica capaz de instrumentalizar o futuro docente para a ação pedagógica politicamente competente.

2.0 - RECOMENDAÇÕES

Parece-me imprescindível ao alfabetizador uma leitura de mundo ou uma visão filosófica que o torne dinâmico e eficaz em três dimensões necessárias à função social da sua atividade: a política, a pedagógica e a gerencial, para que quando este chegue ao ponto de acomodar-se por acreditar já saber de tudo, nova fase o projeta a uma nova caminhada.

Esta primeira dimensão é política, o alfabetizador deve assumir-se como ser que mudará e lapidará o futuro educando (cidadão).

A segunda é a pedagógica. Como alfabetizadores é necessário um posicionamento político-pedagógico daquele que faz a educação acontecer no meio social - escola.

Terceira dimensão, gerencial, aquele que hoje se considera educador e mais especificamente alfabetizador, deve ter condições e capacidade para mudar, gerir e verificar que seus alunos não tem limitações e nem ele próprio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 01 - BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e leitura. São Paulo: Cortez, 1991, 183 p.
- 02 - DAVIS, Claudia & OLIVEIRA, Zilma de M.R. de. Psicologia na educação. São Paulo: Cortez, 1990, 125 p. ↵
- 03 - FEIL, Iselda Terezinha Sausen. Alfabetização: um desafio novo para um novo tempo. 8 ed. Ijuí: Vozes, 1986, 167 p.
- 04 - FERRAZ, Cláudia Ribeiro. Uma revolução na ótica do que é ensinar aprender. Revista Nova Escola, 28:12-18, março, 1989.
- 05 - FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s.d. 149 p.
- 06 - FERREIRO, Emília. Alfabetização em processo. 4 ed. São Paulo: Cortez, 1988, 144 p.
- 07 - FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. São Paulo, Cortez: 1989, 80 p.
- 08 - GADOTTI, Moacir. Pensamento e ação no magistério: convite à leitura de Paulo Freire. Spicione, 1989, 175 p.

- 09 - GUIRALDELLI Jr., Paulo. História da educação. São Paulo: Cortez, 1990, 240 p.
- 10 - LEVIN, Jack. Estatística aplicada a ciências humanas. São Paulo: Harper, 1985, 392 p.
- 11 - LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 8 ed. São Paulo: Loyola, 1989, 149 p.
- 13 - LUCKESI, Cipriano Carlos. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1991, 183 p.
- 14 - LUZ, Araci Asinelli da et alii. Manual de metodologia científica: uma introdução à pesquisa científica. Curitiba: 1987, 101 p., Manual para estudantes, Universidade Federal do Paraná.
- 15 - MELLO, Guiomar Namó de. Social democracia e educação: teses para discussão. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1990, 90 p.
- 16 - NIDELCOFF, Maria Teresa. As ciências sociais na escola. São Paulo: Brasiliense, 1987, 172 p.
- 17 - VEIGA, Ilma Passos Alencastro. A prática pedagógica do professor de didática. Campinas: Papirus, 1989. 183 p.
- 18 - VYGOTSKY, Lev Semyonovich. A formação social da mente. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989. 168 p.
- 19 - WACHOWICZ, Lilian Anna. O método dialético na didática. 2.ed. São Paulo: Papirus, 1991, 141 p.

ANEXO I

Tabela de Número Aleatórios - TNA

Fileira	Números de colunas																		
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19
1	9	8	9	6	9	9	0	9	6	3	2	3	3	8	6	8	4	4	2
2	3	5	6	1	7	4	1	3	2	6	8	6	0	4	7	5	2	0	3
3	4	0	6	1	6	9	6	1	5	9	5	4	5	4	8	6	7	4	0
4	6	5	6	3	1	6	8	6	7	2	0	7	2	3	2	1	5	0	9
5	2	4	9	7	9	1	0	3	9	6	7	4	1	5	4	9	6	9	8
6	7	6	1	2	7	5	6	9	4	8	4	2	8	5	2	4	8	1	0
7	8	2	1	3	4	7	4	6	3	0	7	5	0	9	2	9	0	6	1
8	6	9	5	6	5	6	0	9	0	7	7	1	4	1	8	3	1	9	3
9	7	2	1	9	9	8	0	1	6	1	6	2	3	6	9	5	5	8	4
10	2	9	0	7	3	0	8	9	6	3	3	8	5	5	6	5	2	0	9
11	9	3	5	4	5	7	4	0	3	0	1	0	4	3	3	9	5	3	2
12	9	7	5	7	9	4	6	8	7	6	1	0	4	3	3	9	5	3	2
13	4	1	7	8	6	8	1	0	5	8	8	6	1	6	8	2	9	0	4
14	5	0	8	3	3	4	5	4	4	2	5	3	0	4	9	6	1	2	3
15	3	5	0	2	9	4	1	0	0	3	9	0	5	8	6	0	9	9	6
16	0	3	8	2	3	5	1	0	1	0	6	8	5	2	4	8	0	3	8
17	1	7	2	9	1	2	7	8	4	7	0	3	3	1	5	8	2	7	3
18	5	0	5	7	9	5	8	7	8	9	3	5	3	4	4	6	1	1	3
19	7	7	3	3	5	3	6	1	3	2	8	5	4	1	4	8	3	9	0
20	1	0	9	1	3	8	2	5	3	0	3	8	0	9	3	3	0	4	5
21	1	3	8	5	1	8	5	9	4	1	9	3	9	3	6	5	9	8	4
22	8	6	4	7	8	7	5	9	4	1	9	3	9	3	6	5	9	8	4
23	0	6	9	6	5	1	0	3	2	6	7	7	4	9	6	0	3	4	0
24	7	6	7	4	7	0	8	3	8	7	3	2	5	1	2	4	2	9	7
25	3	2	3	8	1	3	1	8	7	4	5	9	0	0	2	4	1	2	1
26	9	2	1	6	4	2	3	8	7	6	2	6	2	6	4	8	1	0	1
27	3	7	4	2	2	8	1	7	8	0	6	0	0	0	3	2	2	9	7
28	0	7	8	0	8	5	1	5	2	6	5	8	7	5	3	0	5	9	6
29	7	4	2	3	3	2	6	0	0	6	5	2	2	3	6	3	9	5	4
30	1	8	2	7	5	9	5	3	6	5	2	9	9	1	1	7	3	4	3
31	4	3	1	8	7	0	6	0	8	6	5	0	1	0	4	0	6	1	5
32	8	5	8	0	6	1	4	1	2	0	4	4	1	4	7	6	3	5	1
33	4	5	8	5	0	4	5	8	3	9	2	8	7	8	9	0	8	4	3
34	5	0	2	5	4	9	2	2	1	1	0	0	5	4	8	7	6	4	0
35	0	8	1	7	0	6	3	3	4	7	6	2	6	8	9	3	4	1	4
36	2	5	9	3	4	6	0	7	5	2	0	0	9	6	0	8	2	2	5
37	2	1	3	1	3	7	8	9	8	4	9	3	8	0	2	2	1	8	1
38	3	8	8	6	8	5	1	3	3	4	6	7	2	6	3	4	8	6	7
39	0	9	9	8	5	9	8	4	4	2	2	1	1	0	1	7	6	1	3
40	2	2	3	5	3	9	7	4	4	2	1	4	0	5	8	2	3	0	8

(Levim, 1985)

LISTA DE JUSTIFICATIVA: CURSO DE APERFEIÇOAMENTO

Conforme os resultados obtidos na pesquisa, com relação à questão: Por que uns fazem cursos de aperfeiçoamento e outros não?

Segue a lista com as referidas opiniões:

- Poder aquisitivo (3)
- Somente os professores efetivos são convocados para os cursos
- Porque nem todos gostam
- Nem todos tem disposição para participar
- Cursos de aperfeiçoamento restrito à certas áreas da educação
- Falta de oportunidade (3)
- Depende do interesse de cada educador e do Estado
- Depende da qualidade do curso
- Falta de incentivo da classe dominadora (salário baixo)

Há os que consideram que "o bom professor sempre faz cursos, procura estar em constante aperfeiçoamento". (2)

Outros ainda afirmam que os professores "não fazem cursos, não lêem, não estudam, não fazem acontecer a alfabetização, por falta de interesse. É uma responsabilidade não assumida".

Canoinhas, 11 de setembro de 1992.

Ilma Sra.

BEATRIZ FERREIRA BUDANT

DD. Diretora da SERE

NESTA

Senhora Diretora:

Venho por intermédio desta, solicitar a Vossa Senhoria, a permissão para a realização de um estudo de pesquisa referente ao tema alfabetização. Para este estudo, necessitarei da colaboração dos professores das séries iniciais do 1º grau pertencentes a esta Secretaria de Ensino para responderem a um questionário.

Certa de que poderei contar com seu apoio, desde já agradeço.

MARCIA BECHEL DE SOUZA

ANEXO IV

OPINIÁRIO SOBRE OS TEÓRICOS DA ALFABETIZAÇÃO

A pesquisa revelou que 43% dos professores reconhece Emília Ferreiro como sendo uma grande Teórica da Alfabetização. Segundo eles, porque:

- "Ela coloca a criança como sujeito com inúmeros conhecimentos e a função da escola é incentivá-la para ser uma pessoa ativa e construtiva em sua comunidade".
- "Porque sua proposta envolve todas as camadas sociais".
- "Sua proposta é trabalhar direto com a criança, com as coisas que ela conhece" (1)

Paulo Freire, outro teórico citado na pesquisa por 18,75% (dezoito vírgula setenta e cinco por cento) dos professores que indicam ser esse "um educador consciente e preocupado em mudar o ensino, fazendo com que a educação se dinamize, tornando o aluno um ser que tenha uma visão de mundo realista e possa integrar-se nessa sociedade, participando, dando a sua contribuição para uma sociedade mais justa e igualitária" (1).

Outros dois referiram-se a Paulo Freire, "por ser ele brasileiro e principalmente porque fez um trabalho muito importante na alfabetização. Ele fez acontecer e deu certo. Partia de palavras tiradas da realidade como: pão - pedra - pá, palavras que tinham significado para quem aprendia a ler e escrever".

ANEXO V

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
FUNDAÇÃO EDUCACIONAL DO NORTE CATARINENSE
FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS DO PLANALTO NORTE CATARINENSE

Coleta de dados sobre a Alfabetização

Prezada Professora:

Contamos com sua valiosa colaboração para obtermos informações fidedignas e posicionamentos autênticos de sua parte, em todos os quesitos desse instrumento. Expressamos-lhe agradecimentos antecipados e esclarecemos que o presente instrumento é para ser respondido anonimamente, devendo seu envelope ser fechado ao término das respostas e entregues a direção da
..... até a data de /09/92 para que retorne à origem até a data de /09/92.

MARCIA BECHEL DE SOUZA

5.0 - Como conceituaria "Educação"?

.....
.....

5.1 - O que é aprendizagem?

.....
.....
.....

5.2 - Segundo seu pensamento o que é alfabetização?

.....
.....
.....

5.3 - O que é avaliação segundo seu ponto de vista?

.....
.....

5.4 - Qual o método de avaliação mais usado por você?

.....
.....

5.5 - Na sua opinião qual é o mais eficaz?

.....
.....

Por quê?

6.0 - O que é alfabetizar?

.....
.....

6.1 - Como você sabe se o aluno está alfabetizado?

.....
.....

6.2 - Você usa algum método alfabetizador?

() Sim () Não

Descreva-o:

.....
.....
.....
.....

7.0 - Quais as dificuldades que você encontra com as pessoas na sua escola?

.....
.....
.....

7.1 - E com os alunos?

.....
.....

7.2 - Comente as dificuldades quanto ao procedimento de suas aulas?

.....
.....
.....

7.3 - Por que alguns fazem cursos de aperfeiçoamento e outros não?

.....
.....

7.4 - Quantas horas você leciona por dia?

.....

8.0 - Cite o nome de um grande técnico da alfabetização

8.1 - Por que você escolheu esse?

.....
.....

ANEXO VI

- INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

COLETOR

Nome: _____ N^o da coleta: ____ Data: ____ / ____ / ____

INSTITUIÇÃO

Nome: _____ Sigla: _____ Local: _____

LOCALIZAÇÃO DA COLETA

LOCALIDADE:

Cidade: _____ Município: _____ UF: _____

Bairro: _____ Rua: _____

ESCOLA:

Grande Porte () Pequeno Porte () Médio Porte ()

GRAU DE INSTRUÇÃO:

() 2^o Grau Curso em: _____

() 3^o Grau Curso em: _____

() Outro. Indicar: _____

SITUAÇÃO FUNCIONAL:

() Efetiva

() ACT.

TEMPO DE SERVIÇO: _____

TEMPO DE SERVIÇO EM ALFABETIZAÇÃO: _____

RENDA FAMILIAR:

() 2 Salários mínimos

() 3 a 4 Salários mínimos

() 5 a 6 Salários mínimos

() mais de 6 Salários mínimos.

- CARACTERIZAÇÃO PROFISSIONAL:

1.0 Você lê:

- 1.1 () Freqüentemente
- 1.2 () Ocasionalmente
- 1.3 () Raramente
- 1.4 () Nunca.

2.0 Tem acesso a:

- 2.1 () Livros
- 2.2 () Filmes
- 2.3 () Revistas
- 2.3 () Jornais
- 2.4 () Outro.

Qual? _____

3.0 Seu tempo para lazer é de:

- 3.1 () uma hora por semana
- 3.2 () duas horas por semana
- 3.3 () três horas por semana
- 3.4 () mais de três horas por semana.

4.0 Você está satisfeito com o atual regime político?

- 4.1 () Muito satisfeito
- 4.2 () Só um pouco satisfeito
- 4.3 () Só um pouco descontente
- 4.4 () Muito descontente
- 4.5 () Indiferente
- 4.6 () Não sabe responder.

5.0 Como é a sua participação política:

- 5.1 () Somente procurando informar-se do que está acontecendo através de conversas, leituras, etc.
- 5.2 () Participando efetivamente de confrontos políticos
- 5.3 () Filiado a movimentos políticos
- 5.4 () Não participa.

6.0 Você está satisfeito com os resultados obtidos com a alfabetização:

- 6.1 () Muito satisfeito
- 6.2 () Satisfeito em parte
- 6.3 () Um pouco satisfeito
- 6.4 () Muito descontente.

7.0 De acordo com a sua concepção pedagógica, assinale o conceito que você atribui à alfabetização:

- 7.1 () Ensinar a reconhecer e a reproduzir as letras do alfabeto
- 7.2 () Processo de construção da aquisição da linguagem dotada de significação
- 7.3 () Desenvolver hábitos automáticos de leitura e de escrita.

8.0 Assinale os métodos com que você já trabalhou:

- 8.1 () Sintético
- 8.2 () Analítico
- 8.3 () Eclético
- 8.4 () Outro.

Qual? _____

9.0 Destes métodos você usa:

- 9.1 () Sintético
- 9.2 () Analítico
- 9.3 () Eclético
- 9.4 () Outro.

Qual? _____

10.0 Na sua escola a formação das classes no início do processo de alfabetização se processa:

- 10.1 () Por alunos que não sabem ler e os que já tem alguns conhecimentos de leitura, pois estes estimulam os que nada sabem
- 10.2 () Por alunos fortes, médios e fracos para possibilitar a troca de experiências

- 10.3 () Por alunos que estão na mesma etapa do processo de aprendizagem
- 10.4 () Por alunos que repetiram o mesmo número de vezes a primeira série.
- 11.0 Alfabetizar é uma tarefa que exige:
- 11.1 () Presença de materiais e de um bom método de alfabetização
- 11.2 () Preparo pedagógico e conhecimento da realidade
- 11.3 () Desenvolvimento de um período preparatório
- 12.0 Na seleção do vocabulário a ser utilizado no processo de alfabetização é necessário:
- 12.1 () Que as palavras utilizadas sejam significativas tanto do ponto de vista psicológico, quanto social e cultural
- 12.2 () Para introduzir uma unidade de ensino, pode-se utilizar qualquer palavra, obedecendo apenas à critérios de simplicidade silábica
- 12.3 () Que as palavras utilizadas sejam específicas e não genéricas, permitindo a repetição de palavras e frases, o que é comum na linguagem infantil.
- 13.0 As nota e/ou conceitos da avaliação da aprendizagem de seus alunos resultam:
- 13.1 () Exclusivamente de provas ou testes
- 13.2 () De provas ou teste, juntamente com outros desempenhos
- 13.3 () Também da observação quanto ao rendimento cognitivo e as atitudes do aluno
- 13.4 () Exclusivamente da observação
- 13.5 () Também de provas orais
- 13.6 () Exclusivamente de provas orais
- 13.7 () Também de entrevistas
- 13.8 () Também da auto-avaliação
- 13.9 () Outra forma.
- Qual? _____

14.0 Sua característica como professor revela-se:

- 14.1 () Otimista
- 14.2 () Incentivador
- 14.3 () Paciente
- 14.4 () Fácil relacionamento
- 14.5 () Equilíbrio emocional
- 14.6 () Crítico
- 14.7 () Seguro
- 14.8 () Dinâmico
- 14.9 () Responsável

15.0 Quais são as dificuldades que você enfrenta como alfabetizador(a)?

- 15.1 _____
- 15.2 _____
- 15.3 _____
- 15.4 _____
- 15.5 _____
- 15.6 _____

16.0 Assinale a sua relação frente a problemática acima citada:

- 16.1 () Procura encontrar soluções
- 16.2 () Não faz nada para melhorar
- 16.3 () Critica abertamente
- 16.4 () Critica, mas apresenta soluções
- 16.5 () Troca idéias com os demais professores.

17.0 A sua prática de ensino se enquadra dentro da concepção:

- 17.1 () Tradicionalista
- 17.2 () Progressista
- 17.3 () Escolanovista
- 17.4 () Tecnicista
- 17.5 () Outra.

Qual? _____

18.0 Seu posicionamento frente a proposta curricular foi:

18.1 () Favorável, mas não aplica

18.2 () Favorável em parte

18.3 () Discorda totalmente

18.4 () Discorda mas aplica

18.5 () Outro.

Qual? _____

19.0 A influência do seu desempenho sobre os demais professores se processa:

19.1 () Positivamente

19.2 () Negativamente

19.3 () Indiferentemente.

20.0 Você acha que a resistência dos professores em aderir a propostas mais abrangentes ocorre por:

20.1 () Medo de errar

20.2 () Influências políticas

20.3 () Falta de interesse em mudanças

20.4 () Falta de coragem em assumir algo novo

20.5 () Sentem-se despreparados intelectualmente

20.6 () Falta uma consciência política educacional

20.7 () Outro.

Qual? _____

21.0 Sua participação em cursos de atualização em alfabetização per fez um total de:

21.1 () 40 Horas/aula

21.2 () 80 Horas/aula

21.3 () 120 Horas/aula

21.4 () mais de 120 Horas/aula

21.5 () não participou.

22.0 Relacione a 1ª coluna de acordo com a 2ª coluna:

- | | | |
|---------------------|-----|---|
| 1 - PIAGET (1990) | () | Considera que alfabetizar é antes |
| 2 - VIGOTSKY (1990) | | de mais nada aprender a ler o mundo, |
| 3 - FERREIRO (1989) | | compreender o seu contexto, não |
| 4 - FREIRE (1989) | | numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade. |
- () Considera que os conhecimentos são elaborados espontaneamente pela criança, de acordo com o estágio de desenvolvimento em que ela se encontra.
- () Considera que nenhuma criança chega à escola ignorando totalmente a língua escrita. Elas não aprendem porque vêem e escutam ou por ter lápis e papel à disposição, e sim porque trabalham cognitivamente com o que o meio lhes oferece.
- () Considera que a criança já nasce num mundo social e desde o nascimento vai formando uma visão deste mundo através da interação com os adultos e crianças mais experientes.

- CONCEITUÁRIO

- 1 - ANALÍTICO: [Do gr. analyctikós, pelo lat. analyticu.] Adj.
1. Relativo à análise. 2. Que procede análise. 3. Parte do todo de uma estrutura global e encaminha-se para a parte, para a particular. Classifica-se em três grupos: palavração, sentençação e processo de contos.

- 2 - ECLÉTICO: [do gr. ekletikós.] adj. 1. Relativo ao ecletismo. 2. Método que consiste em reunir vários pontos de vistas de sistemas diversos, chegando a reuni-las em uma única unidade superior, nova e criadora e própria daquele que a formou.

- 3 - ESCOLANOVISTA: 1. Resultado de uma ação transformadora coletiva dos homens: na maioria das vezes sob uma "interação democrática", autoritarismo diluído na fisionomia da camaradagem. 2. Relativo ao processo natural e espontâneo. 3. Fenômeno subjetivo que tem o papel de criar condições para o desenvolvimento do potencial humano.

- 4 - PROGRESSISTA: 1. Caminhar para frente; avançar: capaz de agir e refletir sobre o mundo, objetivando transformá-lo, pois nada é estático, nem definitivo. 2. Ideal que se procura alcançar.

- 5 - TRADICIONALISTA: 1. Apego, amor as tradições ou usos antigos selecionados a partir da cultura universal acumulada, sem obedecer a uma seqüência lógica; sua continuação depende das aquisições obtidas de geração em geração, sem o compromisso com o coletivo.

- 6 - TECNICISTA: 1. Relativo a produção. 2. Modelo empresarial aplicado à escola, de forma a produzir o aluno programado como mercadoria que dará retorno em forma de produção para capital.

7 - SINTÉTICO: [do gr. synthetikós, que compõe ou reúne; 'hábil em compor'.] Parte do simples para o complexo, de unidades pequenas como letras, sons ou sílabas e encaminham-se em direção a unidades maiores e mais significativas como palavras, frases e textos.